

Universidade Federal de Goiás  
Curso de Arquitetura e Urbanismo

# Interstícios

Um olhar à deriva pelas áreas residuais de Itumbiara

Thiago Lopes Oliveira Santos

Goiás - GO  
2022



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE  
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Thiago Lopes Oliveira Santos

Título do trabalho: Interstícios - Um olhar à deriva pelas áreas residuais de Itumbiara

**2. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

*Thiago Lopes Oliveira Santos*

Assinatura(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as) <sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

*[Assinatura]*

Assinatura do(a) orientador(a) <sup>2</sup>

Data: 19 / 04 / 2022

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

<sup>2</sup> As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.



Thiago Lopes Oliveira Santos

# Interstícios

Um olhar à deriva pelas áreas residuais de Itumbiara

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Arquitetura e Urbanismo, à Universidade  
Federal de Goiás – Câmpus Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Simões Caetano  
Cabral.

Goiás - GO  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Thiago Lopes Oliveira  
Interstícios [manuscrito] : Um olhar à deriva pelas áreas residuais  
de Itumbiara / Thiago Lopes Oliveira Santos. - 2022.  
CLIV, 154 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Simões Caetano Cabral.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências  
Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2022.  
Bibliografia. Anexos.  
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras.

1. Experiência direta. 2. Áreas residuais. 3. Derivas. 4. Registros e  
imaginário. I. Cabral, Arthur Simões Caetano, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de abril do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Interstícios: um olhar à deriva pelas áreas residuais de Itumbiara”, de autoria de Thiago Lopes Oliveira Santos, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Dr. Arthur Simões Caetano Cabral – orientador (UAECSA-CG/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Dr. Pedro Dultra Britto (CT/UFPB) e Emilliano Alves de Freitas Nogueira (UAECSA/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,00 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

A banca reconhece o potencial das questões levantadas pelo trabalho e a relevância dos assuntos discutidos, sobretudo no que diz respeito às interações de corpo e cidade, oferecendo possibilidades de atualizações sobre o tema. A redação é apontada como uma das qualidades do trabalho e, em que pese a extensão do texto, garante a fluidez da leitura. A articulação entre aspectos teóricos e campos de experimentação acontece com desenvoltura, oferecendo-se com interesse publicações.

A banca sinaliza o estranhamento acerca da ausência de conceitos associados à ideia do homem lento no que diz respeito à discussão sobre as práticas das caminhadas. A ideia de “homem comum”, segundo Michel de Certeau, demandaria traduções mais claras à realidade de Itumbiara, o que poderia ser empreendido com base no pensamento de Milton Santos a fim de detectar os modos pelos quais se dão sua inserção no espaço cotidiano.

Por outro lado, sob a perspectiva das virtualidades e das simultaneidades, o referencial teórico adotado é chamado a comparecer com pertinência às experiências empreendidas. A mesma perspectiva permitiria compreender que toda paisagem pode ser, a um só tempo, banal, esquecida e intersticial.

A predisposição desejante que mobiliza as derivas é pouco aderente à ideia de homem comum. Por outro lado, as caminhadas realizadas não se associam totalmente à experiência do devaneio, de um lado, ou às práticas dos situacionistas, de outro, que operavam segundo deslocamentos de recursos locais. As caminhadas se realizam segundo uma casualidade quase plena, mas a definição de “regras” para as caminhadas, por outro lado, contribuiria para o potencial da experimentação. A banca questiona a abordagem da dimensão de casualidade, que talvez não tenha ressonância com a realidade urbana dos espaços discutidos.

Os estudos de caso apresentados sugerem a necessidade de atualizá-los e correlacioná-los a outras experiências artísticas contemporâneas, especialmente em estudos de caso de caminhantes brasileiros contemporâneos, que proporcionem uma discussão articulada entre processos artísticos e discussões socioespaciais latino-americanas.

O orientador reconhece e destaca o envolvimento do discente com o tema em estudo, bem como o interesse pelo aprofundamento conceitual de suas questões centrais. Decorrente do embotamento imposto pela objetividade cotidiana, a relativa invisibilidade dos espaços residuais de Itumbiara aparece nos estudos de Thiago intimamente associada ao potencial de abertura à inventividade de práticas não programadas de espaço, como relatos de caminhadas e processos de imaginação, em

latência no cotidiano, não previstos e inconclusos. Assim, o trabalho contribui para que novos olhares sejam lançados aos espaços residuais ao sinalizar modos de ressignificá-los.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Arthur Simões Caetano Cabral, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 16:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Emiliano Alves De Freitas Nogueira, Professor do Magistério Superior**, em 13/04/2022, às 18:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2793177** e o código CRC **22B12D46**.

*A Marcos, Edna e à memória de Leontina.*

## Agradeço

ao Arthur, por todas as conversas sem as quais este trabalho jamais seria possível.

ao Emilliano e ao Pedro, por aceitarem participar da minha banca.

aos professores do curso, por tantos ensinamentos durante todos esse anos.

aos meus amigos e amigas, por se tornarem minha família, quando longe de casa, e fazerem o caminho mais leve.

aos meus pais, por todo o amor, por nunca soltarem minhas mãos e serem meu suporte todos os dias.

a minha irmã e sobrinha, por todo o carinho.

a Deus, por tudo.

*Imaginar é aumentar o real em um tom.*  
(Gaston Bachelard)



# Resumo

A produção de espaços residuais é uma característica comum às mais diversas cidades, apesar de todos os empenhos do planejamento urbano e de suas contribuições para a organização territorial. As áreas residuais urbanas se caracterizam pela indefinição prévia e específica de usos, frequentemente são enfeitadas, mas tendem a acolher grupos e manifestações sociais, artísticas e culturais que não conseguem se estabelecer em outros locais das cidades. Portanto, são espaços dotados de potencial e que estão sempre à espera de experiências e apropriações. Nesse sentido, assume-se enquanto objeto de estudo desta pesquisa uma faixa de servidão correspondente a linhas de transmissão de energia elétrica, localizada em Itumbiara - GO. Tais espaços residuais, divididos em cinco grandes parcelas de terra, confrontam quatro bairros distintos e, apesar de não receberem ações plenas de controle por parte do poder público municipal, abrigam diversas apropriações e manifestações naturais e populares. Dessa maneira, a presente pesquisa objetiva reconhecer, por meio da experiência de imersão direta no espaço, aspectos e potenciais latentes da faixa de servidão, bem como identificar as colaborações das práticas de caminhada e seus registros sensíveis para futuras análises, estudos projetuais e intervenções. Assim, este trabalho foi realizado a partir dos seguintes métodos: pesquisas bibliográficas, sobre os principais conceitos abordados (áreas residuais e experiência direta), levantamentos cartográficos, estudos de caso e, especialmente, idas a campo, fundamentadas nas derivas de Guy Debord e na psicogeografia, possibilitando uma leitura não objetiva do espaço, mas sim feita por meio dos sentidos. Essas leituras foram expressas em imagens textuais que compõem o “Diário de Caminhadas” e em imagens fotográficas que constam no material anexo “Andanças”. Diante dessas considerações, espera-se que o trabalho contribua com futuras pesquisas sobre áreas residuais no tecido urbano e suas relações sensíveis com a

comunidade e que possa servir, também, como material de suporte para futuros projetos de intervenção que possam vir a ser executados na faixa de servidão de Itumbiara.

**Palavras-chave:** Experiência direta. Áreas residuais. Derivas. Registros e imaginário.

# Abstract

The production of residual spaces is a feature common to the most diverse cities, despite all the efforts of urban planning and its contributions to territorial organization. Residual urban areas are characterized by the prior and specific lack of definition of uses, they are often rejected, but tend to welcome social, artistic and cultural groups and manifestations that are unable to establish themselves in other parts of the cities. Therefore, they are spaces endowed with potential and that are always waiting for experiences and appropriations. In this sense, it is assumed as the object of study of this research a right of way corresponding to electric power transmission lines, located in Itumbiara - GO. Such residual spaces, divided into five large plots of land, confront four distinct neighborhoods and, despite not receiving full control actions by the municipal public power, they shelter various appropriations and natural and popular manifestations. In this way, the present research aims to recognize, through the experience of direct immersion in space, aspects and latent potentials of the right of way, as well as to identify the collaborations of walking practices and their sensitive records for future analyses, design studies and interventions. Thus, this work was carried out using the following methods: bibliographic research, on the main concepts covered (residual areas and direct experience), cartographic surveys, case studies and, especially, field trips, based on Guy Debord's drifts and on the psychogeography, enabling a non-objective reading of space, but made through the senses. These readings were expressed in textual images that make up the "Walking Diary" and in photographic images that appear in the attached material "Andanças". In view of these considerations, it is expected that the work will contribute to future research on residual areas in the urban fabric and its sensitive relationships with the community and that it

can also serve as support material for future intervention projects that may be carried out in the city Itumbiara easement strip.

**Key words:** Direct experience. Residual areas. Drifts. Records and imagery.

# Lista de Figuras

<b>Figura 1</b> - Fachada do Museu Dauphinois.....	41
<b>Figura 2</b> - Interior do Museu Dauphinois.....	42
<b>Figura 3</b> - Artefatos Arqueológicos e Etnográficos.....	42
<b>Figura 4</b> - Mapa do Sistema Interligado Nacional de Transmissão de Energia Elétrica Horizonte 2024.....	52
<b>Figura 5</b> - Mapa da Faixa de Servidão de Itumbiara.....	54
<b>Figura 6</b> - Linha do Tempo da Faixa de Servidão de Itumbiara.....	56
<b>Figura 7</b> - Faixa de Servidão de Itumbiara.....	58
<b>Figura 8</b> - Atalho na Faixa de Servidão.....	60
<b>Figura 9</b> - Linhas de Transmissão e Subestação de Energia.....	61
<b>Figura 10</b> - Livro I - 4 Dias, 4 Noites.....	78
<b>Figura 11</b> - Livro II - 4 Dias, 4 Noites.....	78
<b>Figura 12</b> - Cartografia do Percurso.....	81
<b>Figura 13</b> - <i>Errand</i> .....	82
<b>Figura 14</b> - <i>Attraverso</i> .....	83
<b>Figura 15</b> - <i>Per Ascoltare</i> .....	83
<b>Figura 16</b> - Perímetro.....	87

<b>Figura 17 - Banquete Coletivo.....</b>	<b>88</b>
<b>Figura 18 - Jardim de Cactus.....</b>	<b>89</b>
<b>Figura 19 - Esquema de “Andanças” .....</b>	<b>129</b>
<b>Figura 20 - Formas Básicas de Dobras.....</b>	<b>130</b>
<b>Figura 21 - Modelo em Papel Pardo.....</b>	<b>132</b>
<b>Figura 22 - Modelo em Preto e Branco.....</b>	<b>132</b>
<b>Figura 23 - À Espera de Novas Experiências.....</b>	<b>133</b>

# Sumário

INTRODUÇÃO.....	21
<b>1 ÁREAS RESIDUAIS.....</b>	<b>29</b>
1.1 CONCEITUAÇÃO E POTENCIAIS DAS ÁREAS RESIDUAIS.....	31
1.2 ENTRE O PROSAICO E O POÉTICO, PAISAGENS BANAIAS.....	37
1.3 A FAIXA DE SERVIDÃO EM ITUMBIARA.....	48
<b>2 EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE ESPAÇO - REFERENCIAIS TEÓRICOS.....</b>	<b>63</b>
<b>3 EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE ESPAÇO - ESTUDOS DE CASO.....</b>	<b>75</b>
3.1 4 DIAS, 4 NOITES.....	77
3.2 TOUR DE ROMA.....	79
3.3 LOTES VAGOS.....	84
<b>4 DIÁRIO DE CAMINHADAS.....</b>	<b>91</b>
4.1 APRENDIZ DE DERIVANTE.....	101
4.2 ALÉM DO INFINITO.....	107
4.3 GERMINAR DA ESPERANÇA.....	111
4.4 MELODIA ERRANTE.....	113
4.5 MAR REVOLTO.....	114
4.6 PEQUENOS MISTÉRIOS.....	116
4.7 BREJOS E CERCAS.....	118

4.8 AROMAS DE DOMINGO.....	119
4.9 TRAVESSIA NO TÚNEL.....	120
4.10 FITAS DANÇANTES.....	121
5 ANDANÇAS - <i>PROCESSO DE CRIAÇÃO</i> .....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS.....	141
ANEXO A - <i>ANDANÇAS</i> .....	148







# Introdução

O planejamento e o ordenamento do solo são mecanismos necessários para o desenvolvimento das diversas cidades do mundo. Apesar dos esforços dedicados ao planejamento e sem desconsiderar suas contribuições, o processo de produção urbana sempre gera resíduos. As áreas residuais decorrentes das mais diversas formas de organização do território se configuram como espaços ociosos, que não possuem função definida ou usos previamente estabelecidos. Geralmente, encontram-se embaixo de viadutos, na beira de córregos e rios ou próximos à construção de grandes infraestruturas, dentre outros locais. Considerando esse contexto, a presente pesquisa assume como objeto de estudo os espaços residuais correspondentes a uma faixa de servidão, situada na cidade de Itumbiara<sup>1</sup> - Goiás.

Trata-se de uma área atravessada por uma linha de transmissão de energia elétrica, segmentada em cinco porções desiguais, e que se constitui como uma “conexão/ruptura” entre quatro bairros: Cidade Jardim I, Vila Vitória II, Jardim Nova Itumbiara e Jardim Leonora. Embora façam parte do cotidiano da cidade, os trechos de terra correspondentes ao linhão são lugares frequentemente ignorados ou rejeitados, desprovidos de gestão

---

<sup>1</sup> O município de Itumbiara, localizado ao extremo Sul do estado de Goiás e na divisa com Minas Gerais, foi criado, enquanto Município de Santa Rita do Paranaíba, pela Lei nº 349 de 16 de julho de 1909 (ALMEIDA NETO, 1997). Atualmente, possui uma população estimada em 106.845 habitantes, segundo dados veiculados no site IBGE Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/itumbiara/panorama>>.

Acesso em: 05 out. 2021.

plena, mas que estão potencialmente abertos a diferentes experiências e apropriações.

Nesse sentido, este trabalho se volta, especificamente, aos espaços residuais da faixa de servidão de Itumbiara e é realizado com o objetivo de reconhecer características espaciais latentes e, eventualmente, potenciais ocultos dessas áreas indefinidas, por meio da experiência direta. Simultaneamente, objetiva-se reconhecer as contribuições da imersão corpórea e de seu relato para práticas de gestão, futuras análises do local, estudos projetuais, intervenções e apropriações.

O reconhecimento dos espaços residuais por meio da experiência direta, na qual vêm à tona aspectos normalmente invisíveis ao olhar cotidiano, pode propiciar a construção coletiva de vivências, como manifestações culturais e artísticas. Além disso, essa abordagem pode levar ao desenvolvimento de ações de conscientização da comunidade, maior envolvimento dos moradores com a área e o compartilhamento de saberes e práticas transformadoras de espaço, adquiridos por meio de trocas entre as pessoas e de aprendizados provenientes da imersão e do fazer compartilhado nos espaços residuais da faixa de servidão.

Para alcançar os objetivos então definidos, os estudos apresentados foram desenvolvidos, metodologicamente, segundo pesquisas bibliográficas, tendo como enfoque os conceitos de áreas residuais e de experiência direta, levantamentos cartográficos, estudos de caso e, principalmente, a realização de percursos em campo, baseados na prática das derivas de Guy Debord e nos escritos da psicogeografia. Essas idas a campo





representam a prática da imersão corpórea e sensível no espaço, que possibilita o reconhecimento *in loco* de identidades triviais e potenciais de usos diversos e não programados. Assim, a leitura que se realiza desses espaços não é instrumentalizada, mas feita por meio dos sentidos e acompanhada da elaboração de registros, que compõem o “Diário de Caminhadas” e o material gráfico experimental intitulado “Andanças” (anexo). O diário apresenta a produção de relatos textuais que não intenciam qualquer descrição objetiva do espaço, mas procuram aludir à experiência vivida. “Andanças”, por sua vez, é um produto gráfico que se baseia em procedimentos de montagens e busca enfatizar as interações inerentes às imagens, de fácil replicação e disseminação nas comunidades locais. Trata-se de uma composição artesanal de fotografias, capturadas durante as derivas, tendo sido organizado a partir do conceito de constelação de imagens, de Aby Warburg, e que permite leituras e interpretações diversas do espaço.

Portanto, assumindo os potenciais das áreas residuais, entendendo que elas são frequentes em qualquer cidade e considerando também as contribuições advindas da experiência direta para o envolvimento do ser com o mundo, compreende-se que este trabalho se justifica por abordar e discutir métodos significativos às práticas em Arquitetura e Urbanismo, associados ao reconhecimento direto e ao desvelamento de aspectos latentes do espaço, e por oferecer um compilado de dados sensíveis, coletados por meio da imersão corpórea, e que podem vir a ser utilizados pela comunidade itumbiarense em futuros projetos

culturais, sociais e de intervenção espacial. Para tanto, o desenvolvimento foi dividido em cinco capítulos:

No capítulo 1, intitulado “Áreas Residuais”, apresenta-se, em sua primeira parte (“Conceituação e Potenciais das Áreas Residuais”), noções conceituais sobre espaços ociosos e o potencial de desenvolvimento e de usos inerentes à sua condição *residual*, procurando respaldo, sobretudo, nas ideias de Ignasi de Solà-Morales e Henri Lefebvre. No tópico seguinte (“Entre o Prosaico e o Poético, Paisagens Banais”), são estabelecidas analogias entre certas características das áreas residuais e a noção de “paisagens banais” abordada por Pierre Sansot. Em linhas gerais, a ausência de excepcionalidades dessas paisagens não significa ausência de afeições e significados, permitindo correlações com a efemeridade e a trivialidade dos espaços residuais em sua vivência no cotidiano, abordado por Michel de Certeau. Por fim, o último item (“A Faixa de Servidão em Itumbiara”) apresenta o objeto de estudo desta pesquisa, em uma visão que se aproxima gradualmente do linhão de força. À medida que são tecidas análises factuais e comentados aspectos gerais do entorno, comprova-se a necessidade da imersão direta para o reconhecimento das potencialidades da faixa de servidão.

No capítulo 2, denominado “Experiências e Práticas de Espaço - *Referenciais Teóricos*”, é feito um estudo teórico-conceitual, sob a óptica da fenomenologia, das experiências diretas, ou imersões corpóreas, amparado nos conceitos da experiência fenomenológica da paisagem, do geógrafo Jean-Marc Besse e no fazer poético, segundo Jean-Philippe Pierron. Também





são abordadas algumas considerações do arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa sobre o potencial que as nuances das cidades possuem de despertar a imaginação. Somam-se, ainda, as reflexões específicas sobre a experimentação sensível do espaço a partir da prática de caminhadas, ponto no qual é ressaltada a importância dos passos do homem comum para a construção do cotidiano das cidades, de acordo com Michel de Certeau (1988).

No capítulo 3, “Experiências e Práticas de Espaço - *Estudos de Caso*”, são analisadas a performance “4 Dias, 4 Noites”, do artista luso-brasileiro Artur Barrio, a ação “*Tour de Roma*”, do coletivo italiano *Stalker / Osservatorio Nomade* e três ocupações experimentais (“Perímetro”, “Banquete Coletivo” e “Jardim de Cactus”) do projeto “Lotes Vagos”, desenvolvido pelos arquitetos brasileiros Breno Silva e Louise Ganz. Embora as experimentações diretas e poéticas discutidas tenham abordagens e objetivos diversos, todas elas compartilham aspectos que podem estabelecer paralelos com as derivas realizadas na faixa de servidão de Itumbiara.

No capítulo 4, “Diário de Caminhadas”, discutem-se possibilidades de exprimir e registrar poeticamente as vivências na faixa residual, a partir de elos com os referenciais teóricos discutidos anteriormente e de correlações com algumas considerações de Jorge Larrosa Bondía, sobre o registro de experiências. Ressalta-se, também, as contribuições que a leitura urbana poética da faixa de servidão pode levar para a comunidade itumbiareense e para o fazer projetual em Arquitetura e Urbanismo. Fala-se, ainda, sobre os modos pelos quais, neste

estudo, as caminhadas desprenderam-se de roteiros previamente definidos, procurando aproximar-se da liberdade característica das práticas de deriva, conforme a teoria de Guy Debord e as contribuições da psicogeografia. As imagens textuais que dão corpo aos relatos de caminhadas são divididas nos dez subtópicos seguintes, onde cada um corresponde a uma experiência direta no entorno do linhão de força de Itumbiara.

No capítulo 5, “Andanças - *Processo de Criação*”, apresenta-se detalhadamente o desenvolvimento do projeto gráfico que acompanha este trabalho. A descrição das etapas aborda as ideias conceituais e estabelece correlações com os pensamentos de Aby Warburg, historiador de arte alemão, e Georges Didi-Huberman, filósofo e historiador de arte francês no que diz respeito a procedimentos de montagem e ao potencial de abertura das imagens reconhecido na contemporaneidade, respectivamente. Também são descritos os passos que foram dados até a definição do conteúdo, da tipologia de publicação, da estrutura e da organização do material, mencionando os testes de montagem, as descobertas em relação à materialidade implícita nas imagens e suas reverberações na identidade estética do material produzido. Ao final do capítulo, são ressaltadas as potencialidades do “Andanças” enquanto veículo provocativo de comunicação, de visibilizar as áreas residuais e de instigar novas práticas de espaço.

Por último, são apresentadas as “Considerações Finais”, reconhecendo os potenciais das áreas residuais e das experiências diretas praticadas nos arredores da faixa de servidão. Destaca-se





a importância da imaginação poética para a construção de novos significados e as possibilidades de transformação do espaço que podem surgir a partir dessas novas leituras e da conexão do ser com o mundo. Acrescentam-se, ainda, as contribuições do trabalho para o campo da Arquitetura e do Urbanismo, para outros estudos sobre espaços residuais e possíveis apropriações ou intervenções no linhão de força. E, por fim, revelam-se os anseios quanto ao potencial didático e reflexivo dos registros imagéticos como incentivos a discussões dos espaços banais pela comunidade itumbiareense e à prática de derivas sensíveis, podendo levar a construções coletivas do espaço.



1

# Áreas Residuais





## 1.1 CONCEITUAÇÃO E POTENCIAIS DAS ÁREAS RESIDUAIS

O planejamento urbano desempenha um papel essencial para um bom funcionamento das cidades. É o responsável por idealizar soluções a curto, médio e longo prazo, com o intuito de minimizar os impactos negativos do processo de urbanização e de garantir qualidade de vida aos habitantes de determinado lugar. Por outro lado, ele não consegue garantir que todas as áreas de certo perímetro sejam esboçadas com a mesma qualidade de projeto, haja vista que as ações de planejamento urbano estão sujeitas às vontades do capital e, além disso, conforme nos adianta Lefebvre (1967, p. 375), toda organização de território gera resíduos.

Diante desses fatos, a presença de áreas residuais no tecido urbano é uma característica frequente e comum a todas as cidades. Embora essas áreas escapem às cartografias mais frequentes e à visão aérea do planejamento, a sua ocorrência é percebida no cotidiano da urbe, do ponto de vista do caminhante, da escala do corpo humano. Assim, para que se faça um reconhecimento dos espaços intersticiais, enquanto locais físicos existentes e dotados de potenciais, é necessária a realização de experiências *in loco*, possibilitando o contato direto, no dia a dia, com esses resíduos da organização do território urbano.

Para o autor, o alcance das construções racionais e da linguagem nos deixaria sempre expostos a algo que o excede e que se produz constantemente como resíduo – o barulho que resiste à música; o desejo libidinoso que extravasa o pensamento maquínico; a poiesis refratária à

mimesis; a natureza assimilada como resíduo pela cultura. (LEFEBVRE, 1967, p. 375)

Dentro desse contexto de produção das cidades e tendo em vista os resíduos urbanos como efeitos do processo de urbanização, Santana (2017, p. 8), em sua análise sobre as áreas residuais de Aracaju – SE, nos confirma que tais espaços estão fortemente presentes nas cidades contemporâneas, como fruto do próprio modelo desenvolvimentista do planejamento urbano. Para a autora, em um primeiro momento, os espaços residuais são descritos, geral e resumidamente, como inóspitos, sem conexões com a vida e a dinâmica da sociedade, muitas vezes gerando a sensação de insegurança (e, por isso, causando aversão aos pedestres) e subutilizados (de modo que desperdiçam vários de seus potenciais usos).

a cidade contemporânea abriga, muitas vezes, espaços residuais em áreas onde deveria existir aquilo que se intitula de espaço público. São espaços que se configuram pela ausência de uso e pela indefinição da sua própria essência enquanto lugar. (SANTANA, 2017, p. 8)

Em contrapartida, em um segundo momento, cumpre evidenciar também que, para Santana (2017, p. 9), os grupos marginalizados ou de ativistas sociais são receptivos aos espaços residuais e não encontram acolhimento em outros locais da cidade. Apesar de o Estado coordenar o processo de produção dos interstícios, ele não exerce pleno controle e gestão de uso sobre eles. Esse descompasso entre os atos de produzir e administrar das áreas residuais favorece o surgimento de usos não





institucionalizados ou previstos, bem como a sua ocupação por coletivos diversos, que conseguem, então, terreno adequado para expressarem suas causas e darem voz às suas reivindicações. Suas apropriações, perenes ou temporárias, artísticas e culturais, dão novo vigor e dinamizam a vida social, possibilitando a abertura de conexões entre as pessoas e tais áreas rejeitadas. Olhando por este lado, Santana identifica uma diversidade de manifestações que podem vir a acontecer nesses espaços e que influenciam na vida cotidiana.

Há que se ressaltar, porém, que a complexidade que envolve as áreas residuais exige um olhar passível de flexibilização. A ausência de uso, somada à indefinição enquanto lugar, ambas apontadas por Santana (2017, p. 8) no primeiro momento deste trabalho, são características que merecem várias camadas de estudos a fim de entender melhor como esses espaços se articulam ao seu entorno. Essa necessidade existe, pois, conforme afirma Sansot (1989, p. 2), “haverá sempre a intenção de tratá-los como não-lugares”, embora os espaços considerados como resíduos da produção das cidades também possuam um potencial latente, estando repletos de surpresas e dinâmicas próprias a serem trazidas à tona pelas apropriações populares, que favorecem sua vitalidade e significados.

Nesse sentido, considerando essas primeiras ideias sobre espaços residuais e buscando complementar a pesquisa com pontos de vista de outros autores, apresenta-se aqui a conceituação dos espaços indefinidos segundo Ignasi de Solà-Morales Rubió (2002, p. 3), o qual utiliza para isso o termo catalão

*terrain vague*. Em síntese, *terrain*, sob a perspectiva do autor, significa uma porção de terra delimitada, possível de ser construída dentro da cidade. Mas também pode ser entendida como uma área sem limites muito definidos e que apresenta potencialidades que estão à espera de algo ou alguém para serem desenvolvidas. Já o termo *vague* apresenta triplo significado. Segundo sua origem germânica, remete “às ondas da água e significa movimento, oscilação, instabilidade e flutuação” (SOLÀ-MORALES, 2002, p. 3). Em relação às suas duas origens latinas, tem-se *vague* como vazio, desocupado, livre, disponível e, ainda, como indeterminado, impreciso, incerto.

A relação entre a ausência de uso, de atividade e o sentido de liberdade, de expectativa, é fundamental para entender toda a potência evocativa que os *terrain vague* das cidades tem na percepção da mesma nos últimos anos. Vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, expectativa. (SOLÀ-MORALES, 2002, p. 4)

Assim, os *terrain vague* podem ser, em suma, compreendidos como aqueles lugares nos quais não há um uso específico estabelecido, geralmente estão vazios e, justamente por isso, se mostram disponíveis para desenvolverem seus potenciais usos e dinâmicas.

Para além de uma abordagem etimológica conceitual, faz-se pertinente destacar também que, segundo Solà-Morales (2002, p. 4), a indefinição e a incerteza que pairam sobre os *terrain vague* são manifestações da própria liberdade desses espaços, isto é, são características reconhecíveis diretamente em sua espacialidade e





que conferem uma gama de possibilidades, de experimentações e de movimentos. Entretanto, os *terrain vague* podem se apresentar como lugares esquecidos e desconectados da vida das cidades, como “ilhas interiores e esvaziadas de atividade, são olvidos e restos que permanecem fora da dinâmica urbana” (SOLÀ-MORALES, 2002, p. 4) quando são compreendidos somente a partir de registros que dirigem o olhar e restringem as narrativas que podem ser feitas, como em um recorte fotográfico. Assim, compreende-se que é necessária a aproximação entre as representações e as narrativas a partir da experiência de imersão corpórea nesses locais para que uma apreensão humana e real do espaço seja vivida.

Retomando, por um instante, a consideração que Santana (2017, p. 8) faz sobre as áreas residuais, ao afirmar que elas são um problema urbano, é relevante salientar que os vazios urbanos são, de fato, um desafio para a gestão e políticas públicas. Contudo, é justamente devido à sua dimensão residual que há possibilidade de o porvir se manifestar. Em outras palavras, a ausência de programação de usos ou intencionalidades propiciam o acaso, a ocorrência de fenômenos de ordem natural e também práticas de apropriações humanas nesses espaços intersticiais.

Para evidenciar essas características das áreas residuais, é interessante destacar que, de acordo com Lefebvre (1967, p. 82), existem algumas coisas que escapam aos moldes conceituais, que transbordam e que são, portanto, resíduos de uma ideia principal. Assim, os conceitos que, presumivelmente, tentam definir tudo aquilo que existe, não são suficientes para uma compreensão

completa das verdades do mundo. No entanto, para o autor, são os resíduos que permitem o florescimento de tantas manifestações singulares e nuances de realidades que não foram planejadas. Eles carregam consigo o potencial transformador do inesperado, da expectativa, da possibilidade do novo e do porvir. Dessa forma, por não terem intencionalidades específicas e não se apresentarem como uma experiência dada, um espaço pronto, as áreas residuais possibilitam um imaginar compartilhado e uma construção coletiva.

Levando-se em consideração o que foi observado sobre os espaços residuais, a partir dos pontos de vista de diferentes autores, é possível evidenciar que toda produção gera algum tipo de resíduo (LEFEBVRE, 1967), independentemente de sua natureza. Essas sobras são dotadas de potência e abertura às casualidades, em especial às apropriações e usos igualmente residuais, que não têm acolhimento certo em outras partes da cidade. Dentro do contexto de produção das cidades, as áreas residuais se configuram enquanto essa força latente que em alguns casos possibilita, além de diversos usos, os mais fortuitos, a fruição paisagística.

É importante destacar, porém, que os espaços intersticiais não são facilmente reconhecidos como paisagem, por não apresentarem características a que são costumeiramente associadas, tais como a excepcionalidade ou a exuberância natural. Embora frequentemente enfeitados ou associados a existências indesejáveis no meio urbano, são situações que podem ser capazes de nutrir afetividades, desde que o seu caráter de





banalidade seja assumido. Dessa forma, considerando que existem modos específicos e variados de composição e de desfrutar das paisagens, e que algumas de suas características têm possibilidade de ser encontradas, em certa medida, em alguns espaços residuais, pode-se, portanto, aproximar as ideias aqui abordadas sobre as áreas residuais da noção de *paisagens banais* (SANSOT, 1989), que será estudada no tópico a seguir.

## 1.2 ENTRE O PROSAICO E O POÉTICO, PAISAGENS BANAIS

A noção de “paisagem” possui várias acepções, a depender das diferentes abordagens empregadas no desenvolvimento de estudos profissionais, filosóficos, geográficos, artísticos, entre outros. Para Pierre Sansot (1989, p. 1), o pesquisador da paisagem encontra dificuldades ao lidar com a polissemia do termo justamente por ser complicado preservar sua originalidade sem correr o risco de reduzi-lo a conceitos próximos, como de território ou país. Na concepção do autor, é preciso considerar, ainda, que o verdadeiro sentimento humano em relação à paisagem não se encontra numa somatória de suas variadas significâncias, mas sim naquilo que fica e é capaz de unir o homem e a natureza, por meio da experiência direta entre o ser e o mundo (SANSOT, 1989, p. 1).

O leitor compreenderá que não basta somar todas essas abordagens para que se permaneça fiel àquilo que os homens sentem quando falam sobre a paisagem. Ao invés disso, trata-se de cruzá-las, de guardá-las na memória e, então, levar a sério aquilo que impressiona o olhar que, apesar de tanta cultura,

preserve certa inocência, que encontre vivacidade suficiente para unir-se às coisas e aos seres. (SANSOT, 1989, p. 1)

Sob essa perspectiva de análise e com o objetivo de compreender melhor o leque de significações que as áreas residuais podem apresentar, faz-se pertinente mencionar o que Sansot descreve ao tratar dos espaços relacionados a “paisagens banais”. De acordo com o autor (SANSOT, 1989, p. 2), existem três tipos de paisagens (banal, esquecida e intersticial) que, em geral, não são levadas em consideração e interpretadas como paisagens, não tendo seus valores reconhecidos justamente por: serem paisagens quaisquer, cotidianas, panos de fundo contínuos da vida comum; não atenderem ao que se espera de uma paisagem; ou, ainda, espaços que estão em áreas de passagem e não formam vínculos com a sociedade.

Todavia, Sansot (1989, p. 2) critica o não reconhecimento das paisagens banais como lugares, ao ressaltar que, no mundo todo, a sua quantidade é enorme. Diante desse contexto, habitar um mundo carregado de paisagens banais, equivocadamente consideradas como não-lugares, seria uma tarefa para alguém muito insensível se essa pessoa não fosse capaz de estabelecer conexões afetivas para com essas paisagens, pois, “uma terra que se tornou banal incitaria os homens a inventar sua existência de maneira diferente.” (SANSOT, 1989, p. 6). Analogamente, pressupõe-se que os espaços residuais não correspondam, necessariamente, a não-lugares, no sentido proposto por Marc





Augé (1994), mas não deixam de aludir, por outro lado, ao reconhecimento de paisagens possíveis, ainda que banais.

Em relação às considerações citadas acima, Sansot (1989, p. 5-6) aponta, sobre a noção de paisagem, que por muito tempo ela era entendida como um pedaço do mundo no qual era possível enxergar alguma unidade e harmonia. Essa noção foi sendo modificada ao longo dos anos até que se passou a relacionar paisagem com algo extremamente belo, exuberante e de situação excepcional. Contudo, a desconstrução desse conceito de paisagem é algo que vem sendo discutido. A paisagem está além daquilo que se vê em algum canto específico da Terra, ela é composta por sabores, aromas, sensações e até mesmo estados de espírito. A união entre o espaço, o que se faz nele e quem pratica a ação são fatores determinantes para a compreensão da paisagem proposta pelo autor. Na multiplicidade de sentidos e abordagens distintas que se voltam à noção de paisagem, ela frequentemente aparece associada à experiência do todo. Para Sansot (1989), por outro lado, em seu conceito de paisagens banais, a fruição paisagística remeteria a experiências cotidianas, prosaicas, triviais, ordinárias, comuns, que prescindem totalmente da ideia de exuberância ou excepcionalidade. Devido a essas características gerais das paisagens banais, é possível relacioná-las com as áreas residuais. Ainda nessa analogia, é perceptível a importância das imersões corpóreas tanto para o gozo das paisagens de Sansot, quanto para o desvelamento das áreas residuais e reconhecimento de seus potenciais.

Como a paisagem nos parecia ligada a um “plus” de ordem estética, será necessário revisar a

noção de Beleza: não mais a harmonia, mas a intensidade emocional com a qual os elementos atingem nossos sentidos e nos impõem, sem cerimônia, sua existência incontestável. (SANSOT, 1989, p. 7)

Entendida dessa forma, a paisagem, para o autor (SANSOT, 1989, p. 7), praticamente nunca é estável ou perene, enquanto que a efemeridade é uma característica frequente tanto nos modos pelos quais os espaços desprovidos de interesses objetivos ou propriamente residuais se transformam ao longo do tempo, como também às possibilidades de sua experiência estética. Neste momento, torna-se conveniente mencionar uma outra concepção de paisagem que, por sua essência, relaciona-se à efemeridade das paisagens de Sansot. Conforme proposto por Jean-Marc Besse (2014, p. 47), a paisagem pode ser compreendida, dentre outras formas, enquanto uma experiência fenomenológica, assunto que será retomado no capítulo 2 deste trabalho. Desse modo, a paisagem-experiência é efêmera no sentido de que ela só acontece no ato de imersão corpórea no espaço, embora os registros do acontecimento e as possibilidades de sua representação, para o autor, sejam tentativas sempre inconclusas de prolongar a vida dessa vivência ou paisagem.

Se as possibilidades de representação da experiência de paisagem seriam sempre provisórias ou incompletas, para Sansot (1989, p. 7), por sua vez, haveria outros modos de aludir a essa experiência e aos seus significados. Trata-se dos “objetos-paisagem”, que permitem demonstrar que a paisagem está ligada antes a um certo modo de envolvimento do eu com o mundo do



que com o enraizamento em qualquer território. Os “objetos-totem” são capazes de criar toda uma atmosfera ao seu redor, quase materializando um espaço, costumes e modos de habitar de determinada cultura. Por meio da presença deles, é possível reconstruir, imaginariamente, ambientes, um estilo de vida ou visões de mundo de uma tribo ou civilização.

Um exemplo de uso de objeto-paisagem apontado por Sansot é o que acontece no Museu Dauphinois (Figuras 1 e 2). Com um acervo de artefatos arqueológicos e etnográficos dos Alpes (Figura 3), o museu, localizado em um convento do século XVII, na antiga província de Grenoble, França, proporciona aos visitantes uma imersão na atmosfera e na história da vida local<sup>2</sup>.

**Figura 1** - Fachada do Museu Dauphinois



Fonte: Site Grenoble France<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Informações obtidas no site da Expedia - Museu Dauphinois: Guia de viagem de férias. Disponível em: <<https://www.expedia.com.br/Museu-Dauphinois-Grenoble.d6068929.Guia-de-Viagem?pwaLob=wizard-package-pwa>>. Acesso em: 14 out. 2021.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.grenoble-tourisme.com/en/discover/essentials/dauphinois-museum/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

**Figura 2** - Interior do Museu Dauphinois



Fonte: Site Grenoble France<sup>4</sup>.

**Figura 3** - Artefatos Arqueológicos e Etnográficos




Fonte: Site Collections Isère<sup>5</sup>. Trabalho gráfico elaborado pelo autor (2022).

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.grenoble-tourisme.com/en/discover/essentials/dauphinois-museum/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

<sup>5</sup> 1. Machado de salto (instrumento agrícola artesanal). Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/oc4ca380-99aa-404d-9e7f-8boe7e0d5467?pageId=00846edb-d1ce-438c-ardc-9fb4e26e8a5a&pos=3>>. Acesso em: 10 mar. 2022.





A relação entre os objetos da exposição permanente é capaz de restaurar a vida cotidiana dos habitantes alpinos, de séculos atrás, e fazem da visita uma experiência de paisagem, de certo modo, flutuante. Flutuante, pois, esse tipo de noção de vivência, desprendida do chão, desterritorializada, atenua o limite entre espaço imaginário e espaço material, possibilitando leituras de paisagens que, efetivamente, não existem mais ou que estão localizadas em outros pontos do mundo.

Desse modo, a *desterritorialização da paisagem* propicia oportunidades de novas experiências, sendo que, uma delas, pode ser alcançada a partir de narrativas de terceiros, como é o caso de relatos ou diários de viagem. Diante desse contexto, a elaboração de relatos textuais (que integram o “Diário de Caminhadas”, apresentado no capítulo 4) e os procedimentos de produção e constelação de imagens (como experimentado em “Andanças”, material gráfico apresentado como anexo deste trabalho), visam antes exprimir a experiência direta sensivelmente do que descrever objetivamente os espaços percorridos e reconstruir a experiência. Assim, oportunizam essas experimentações espaciais, de modo possivelmente semelhante à capacidade que os

- 
2. Quebra-nozes (parafuso). Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/ecfdecf2-f13e-4c4c-8904-cobfa27f278b?pageId=05e668f3-6075-4e94-b2ef-8dof68d5ab8b&pos=108>>. Acesso em: 10 mar. 2022.
  3. Tacoule (instrumento agrícola). Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/b9e1d3f9-42f7-4c61-8370-321143c4200d?pageId=05e668f3-6075-4e94-b2ef-8dof68d5ab8b&pos=30>>. Acesso em: 10 mar. 2022.
  4. Jarro (cerâmica arqueológica). Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/44c63253-d6c2-4eb3-8dad-a8092650b4f6?pageId=00846edb-d1ce-438c-a1dc-9fb4e26e8a5a&pos=15>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

objetos-totem possuem de suavizar o limite entre o espaço imaginário e o espaço real, convidando a novas vivências a partir da incompletude da linguagem, do olhar e dos sentidos. É interessante observar, ainda, que as tentativas de registro dessa paisagem-experiência a que correspondem os resultados deste trabalho, correspondem, também, a tentativas de prolongamento dessa vivência, mesmo que incompletas (BESSE, 2014). No entanto, há que se ressaltar que, apesar de as narrativas oportunizarem essa imersão imaginária, conduzida pelas sensações apreendidas por outrem, elas podem gerar diferentes impressões e novas interpretações por quem embarca nessa experiência. A fruição do espaço, seja ela pela imersão corpórea, seja por registros ou relatos, está intrinsecamente relacionada a aspectos individuais. Portanto, é um acontecimento de múltiplos significados e com conotações distintas para cada pessoa.

\* \* \*

Diante das noções de paisagem aqui abordadas, destacando-se delas as características da trivialidade e da efemeridade como pontos em comum, sem perder de vista as suas correlações estabelecidas com as áreas residuais ao longo deste tópico, faz-se oportuno, neste momento, tecer elos entre essas noções e ao que Michel de Certeau aponta como atributos inerentes ao “homem comum”. Segundo o autor (CERTEAU, 1988, p. 57), o “homem ordinário” é aquele que habita o cotidiano das cidades. Ele está presente e compõe a rotina da dinâmica social urbana, com sua vida simples e distante dos holofotes ou dos grandes feitos, que são tratados como “heroicos” pelas páginas da





historiografia oficial e suas narrativas hegemônicas. Considerando esse contexto, no qual o homem comum de Certeau vive, pode-se traçar paralelos entre suas características e a trivialidade e efemeridade das paisagens banais.

Dessa forma, de um lado, assume-se o homem ordinário como sendo, por essência, trivial, uma vez que ele representa a massa, o anonimato, o corriqueiro e a banalidade. Por outro lado, entende-se que as paisagens banais possuem uma natureza própria relacionada ao comum, àquilo que se mostra desprovido do que é considerado como sofisticado esteticamente e, portanto, elas não saltam aos olhos, não se destacam no meio. Sendo assim, são nesses aspectos que tanto o homem comum quanto as paisagens banais encontram-se em diálogo, pois, ambos podem ser interpretados como representantes da vida cotidiana, panos de fundo da vida comum.

Se tanto o homem ordinário quanto as paisagens banais constituem-se como alguns dos componentes do contexto de uma vida trivial e efêmera, cumpre destacar, com igual interesse, o potencial de reinvenção constante inerente ao cotidiano (CERTEAU, 1988). Nessa linha de raciocínio, faz-se pertinente, então, resgatar os paralelismos estabelecidos entre paisagens banais e áreas residuais. Como discutido anteriormente, algumas áreas residuais podem ser compreendidas enquanto paisagens banais, devido a características semelhantes que ambas apresentam, por exemplo, serem capazes de proporcionar uma experiência prosaica totalmente desprendida de excepcionalidades, mas aberta aos sentidos e a ressignificações

constantes. Cada experiência é única e, mesmo que pessoas diferentes experimentem poeticamente o mesmo lugar, no mesmo dia e até no mesmo horário, cada uma delas terá uma vivência particular e, com certeza, ressignificarão de modos distintos o espaço no qual estão imersas, possibilitando uma construção coletiva e múltipla de sentidos mutáveis. Como diz Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 27) “o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida”.

Nesse sentido, tanto os interstícios quanto as paisagens banais se abrem a vivências cotidianas, as quais, considerando essa teia de correlações, nos remetem ao modo de habitar do homem ordinário, com suas práticas triviais e produtoras de espaço urbano. Assim, pode-se reconhecer na dimensão corriqueira das cidades e dos espaços residuais decorrentes de sua produção, a existência comum e o entrelaçamento na ordem do cotidiano entre o homem comum e as paisagens banais.

Como reflexo de suas características, estilo de vida e modos de habitar a cidade, o homem comum descreve trajetórias banais no tecido urbano, que serão retomadas no capítulo 2 deste trabalho. Em suas caminhadas cotidianas, desprende-se das formas condicionadas pelos planos urbanísticos e apropria-se do traçado urbano. Assim, o ato de apropriar-se do espaço enquanto descreve trajetos corriqueiros pode ser comparado a moldar percursos cegos, que o homem banal não é capaz de ler enquanto escreve, justamente pelo fato de estar deslocando-se sobre esse plano preso ao chão. Na verdade, são trajetos invisíveis até mesmo





para a visão aérea, pois, cada passo é um ato único de movimento, de vida urbana e que se adapta à topografia, à textura e que se dá no enredo do mundo, que requer contato direto com essa vitalidade física e imediata.

Dessa forma, enquanto se move, o homem ordinário desempenha um papel fundamental na construção efetiva das cidades, com sua trama de “passos perdidos” (CERTEAU, 1988, p. 176), ocupação não planejada dos espaços que fogem ao controle do planejamento e da visão de topo. Sendo assim, o homem comum realiza apropriações ao se embrenhar diretamente na cidade, inclusive nas paisagens banais e nas áreas residuais, utilizando do seu caminhar como forma de esculpir o cotidiano. Por isso, a experiência direta, de envolvimento no mundo, excede os limites da visão aérea da cidade e de sua leitura fria, restrita e distante da essência da urbe, porque a vivência da realidade urbana proporciona uma verdadeira imersão corpórea nesse ambiente carregado de sons, cores, aromas, veículos e pessoas, possibilitando as apropriações humanas e compondo a cidade e o cotidiano.

Tendo em vista as noções e demais referências neste tópico observadas e correlacionadas, reconhece-se que a experiência direta torna possível o acesso aos lugares e seus aspectos esquivos às representações oficiais e que estão invisíveis a qualquer tipo de olhar aéreo totalizante. Assim, os passos esquecidos do homem comum tornam-se uma maneira de exercitar essa vivência e, ao mesmo tempo em que se caminha, materializam-se contribuições na dinâmica urbana cotidiana, na forma de apropriações de Interstícios

espaços urbanos, em seus aspectos estéticos e identidades ordinárias, que não estão ao alcance dos mapas, mas nos quais escrevem-se narrativas da vida comum. Dentre esses locais propiciadores da experiência direta, estão as paisagens banais e as áreas residuais. Nesse sentido, pode-se inferir que, para uma leitura e interpretação real das potencialidades e fragilidades de uma área residual, ou *terrain vague*, é imprescindível o contato físico com o ambiente, no sentido de uma imersão corpórea no espaço, propriamente dita. Desse modo, o capítulo 2 tratará, especificamente, dessas experiências *in loco* como fatores essenciais no desvelamento dos reais significados dos espaços intersticiais.

### 1.3 A FAIXA DE SERVIDÃO EM ITUMBIARA

Conforme apontam as ideias e as reflexões abordadas nos tópicos anteriores, os espaços intersticiais são áreas que compõem a malha urbana. Seja devido à pressão que o capital exerce sobre a produção do meio urbano, seja devido à necessidade de infraestrutura urbana e os resíduos que dela decorrem, fato é que a presença e a importância desses espaços na conformação do tecido urbano são inerentes às mais diversas cidades. Embora frequentemente enfeitados, sua existência parece demandar reconhecimento, uma vez que tantas manifestações naturais, sociais e culturais não encontram acolhimento nas cidades senão nesse tipo de terreno. Assim, mais uma vez, reforça-se aqui que a gestão e o controle público dessas áreas não acontecem de maneira integral, plena. E é graças a essas brechas, tanto de





desenho quanto de administração, que os *terrain vague* se abrem antes a “táticas” espontâneas de uso do que a “estratégias” institucionais de gestão, exercendo seu papel enquanto espaço do possível, do improvável e do indefinido.

Diante desse cenário, comum a todas as cidades contemporâneas, apresenta-se aqui, como um exemplar dos espaços residuais e como recorte empírico de análise para este trabalho, uma faixa de servidão correspondente a uma linha de transmissão de energia elétrica, localizada na cidade de Itumbiara - GO. O linhão é um elemento de infraestrutura urbana que, considerando os moldes atuais de geração e distribuição de energia elétrica na cidade, é imprescindível para a manutenção das atividades que dependem desse tipo de força. Consequentemente, para que exista e funcione como tal, ele requer espaços generosos sob sua estrutura, de modo que gera faixas de servidão obrigatoriamente não edificantes, porém que se apresentam abertas a existências, a experiências e a práticas não programadas de espaço.

Cumprindo ligações entre diferentes regiões do país, os linhões de força atravessam o território brasileiro ao longo de milhares de quilômetros, ao ponto de serem reconhecíveis em sua totalidade pela visão aérea, em escala nacional. Contudo, deixam marcas na escala local, sobretudo em trechos em que atravessam o meio urbano. Do choque entre escalas muito distintas, resultam áreas que, por suas limitações de usos e ocupação, podem ser reconhecidas como espaços residuais.

Do ponto de vista técnico e legal<sup>6</sup>, as condições nas quais os espaços residuais relacionados a faixas de servidão acontecem geram algumas especificidades de usos e ocupação, tais como: são permitidas plantações rasteiras, culturas de pequeno e médio porte (horticultura, fruticultura e floricultura), veículos agrícolas, irrigação, algumas atividades relacionadas ao apoio da agropecuária, cercas de arame, passagens, porteiras e deslocamento de pessoas pela área. Entretanto, são proibidas edificações, usos voltados à moradia, reflorestamento ou plantio de culturas que processam queimadas, instalações elétricas e mecânicas ou, ainda, depósito de materiais (inflamáveis ou não).

Já do ponto de vista sensível, (modo pelo qual este trabalho busca olhar e entender a faixa de servidão de Itumbiara, culminando em narrativas textuais e fotográficas de experiências diretas, que serão apresentadas no capítulo 4 e no anexo, respectivamente), as áreas residuais, especialmente relacionadas a faixas de servidão, costumam ser grandes espaços que podem, inclusive, causar algum tipo de estranhamento. Isso é possível, pois, sob a óptica da escala humana, há uma descontinuidade muito forte no padrão regular da malha urbana, de modo que esses interstícios rompem com o traçado habitual, com as perspectivas longilíneas e propiciam grandes aberturas no campo de visão que, no caso específico de Itumbiara, alcançam o horizonte. Por outro lado, esse estranhamento pode ser convertido em encantamento se, por meio da entrega a

---

<sup>6</sup> Informações obtidas no site da Eletrobras Furnas - Cuidados com linhas de transmissão. Disponível em: <<https://www.furnas.com.br/subsecao/276>>. Acesso em: 17 out. 2021.

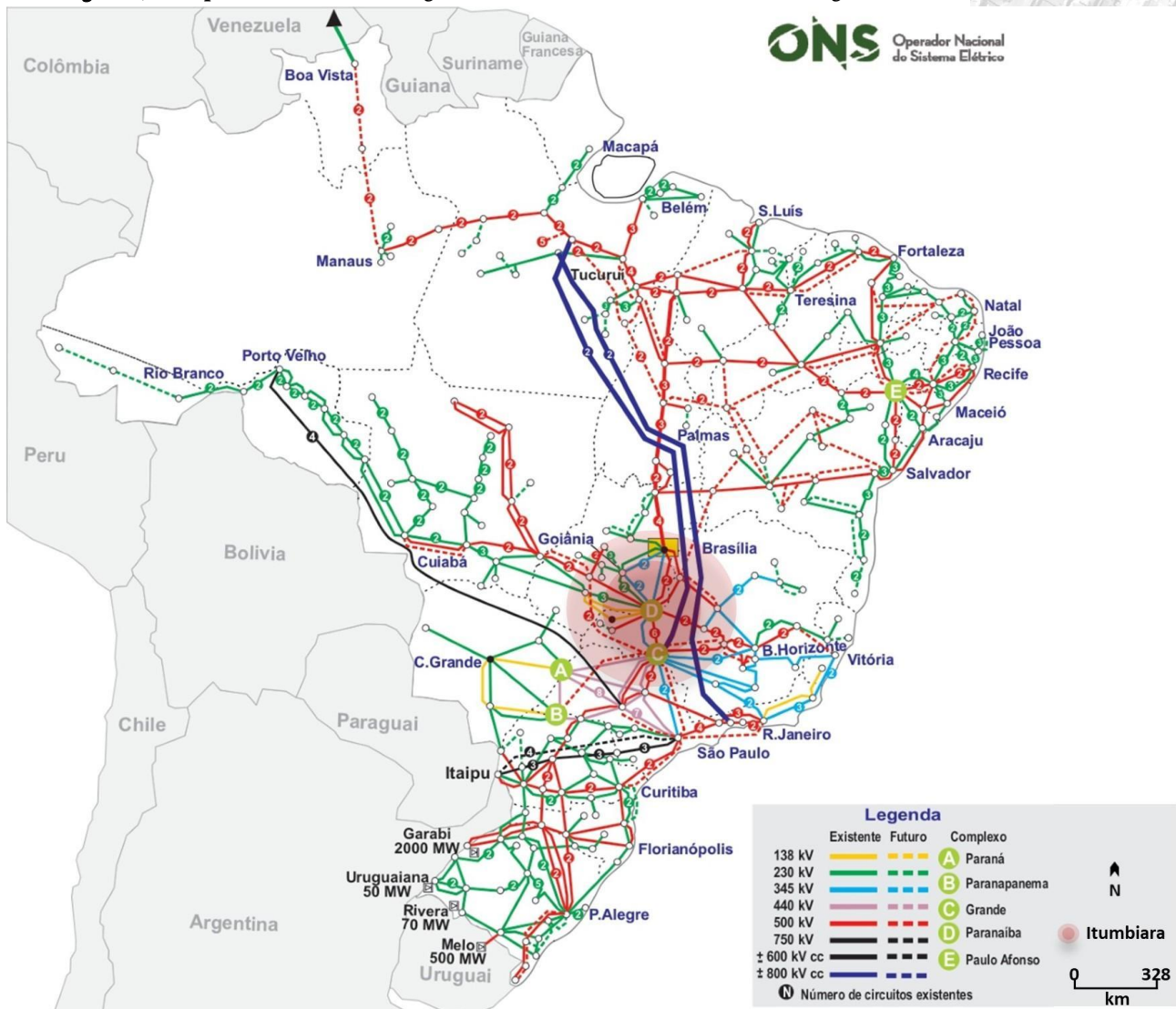




experimentações diretas, práticas cotidianas de espaço e apropriações, se permitir que surjam relações afetivas para com os espaços intersticiais da faixa de servidão, assumindo sua banalidade e potência evocativa de diversas possibilidades.

Assim, os espaços residuais que provêm das linhas de transmissão de energia elétrica, tal qual a faixa de servidão em Itumbiara, por terem aspectos invisíveis às cartografias mais frequentes, demandam a experiência direta para serem reconhecidos, interpretados e vivenciados. Em outras palavras, cumpre aos objetivos deste trabalho “descer” da escala e da distância do mapa geral dos linhões de força que integram o Sistema Interligado Nacional (SIN) e ultrapassar os limites das representações cartográficas totalizantes (Figura 4), para que se faça uma leitura sensível do espaço e dos impactos imediatos que os interstícios causam na vida cotidiana.

**Figura 4** - Mapa do Sistema Interligado Nacional de Transmissão de Energia Elétrica Horizonte 2024



Fonte: Adaptado do Site Operador Nacional do Sistema Elétrico<sup>7</sup> (2021).

Observando o mapa acima, percebe-se, numa primeira camada de análise do território nacional, que os linhões de força se concentram, majoritariamente, nas regiões Sul e Sudeste. Destaca-se também forte presença nas regiões Centro-Oeste e Nordeste e, de maneira mais rarefeita, eles passam pela região Norte do país. Dentro da região Centro-Oeste e, por consequência, no estado de Goiás, o complexo “D - Paranaíba” (que abriga a

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.ons.org.br/paginas/sobre-o-sin/mapas>>. Acesso em: 16 out. 2021.



Usina Hidrelétrica de Itumbiara) apresenta-se como o maior dissipador de linhões de força. Está localizado no município de Itumbiara (destacado em vermelho, no mapa), utilizando águas represadas do Rio Paranaíba, que dá nome ao complexo, e representa um nó de relevância nacional, responsável por gerar e transmitir energia elétrica para várias partes do Brasil. Diante dessa ilustração, percebe-se a grandiosidade da teia formada pelos linhões de força no país, mas, por outro lado, foge à sua representação os efeitos e marcas que essas torres de infraestrutura urbana provocam no tecido urbano e, mais ainda, nos modos de usos, ocupação e habitar do território, que só são visíveis a partir da escala local.

É nesse ponto que se faz necessária uma aproximação das áreas residuais. Mais adiante, conforme será abordado no capítulo 4, essa proximidade se dará de forma física e direta. Mas neste primeiro momento, ela acontece por meio da análise aérea (Figura 5), a fim de reconhecer o entorno sob uma perspectiva ainda distante, mas que prevê aproximações sucessivas em direção à dimensão sensível do espaço, para que a experiência da imersão corpórea (para o leitor, imersão imaginária) comprove o quanto as áreas residuais são, de fato, dotadas de potencialidades, mas que não cabem nas representações gráficas das vistas de topo.

Figura 5 - Mapa da Faixa de Servidão de Itumbiara



Fonte: Google Earth (2021). Trabalho gráfico elaborado pelo autor (2021).

O mapa acima traz, ao centro, a faixa de servidão correspondente ao linhão de força de Itumbiara que se configura como uma área residual, não edificante, do planejamento urbano. Percebe-se que ela é um marco territorial, segmentado em 5 grandes porções, e que confronta quatro bairros, predominantemente residenciais, adjacentes ao seu perímetro: Cidade Jardim I, Vila Vitória II, Jardim Nova Itumbiara e Jardim Leonora. Pelo traçado da malha urbana, é possível inferir que o linhão foi planejado concomitantemente aos bairros de seu entorno, uma vez que os desenhos das quadras se encaixam a ele de modo regular, não denunciando intervenções no desenho original (o que não significa, contudo, que não sejam áreas residuais).



Observando-se, agora, as edificações e pontos focais, nota-se que a região, como um todo, é bastante consolidada, haja vista a quantidade de construções e poucos lotes vagos existentes. Próximos à faixa, encontram-se uma Área de Preservação Permanente (APP) e uma lagoa, em direção diametralmente oposta. As centralidades referentes a espaços livres humanizados localizam-se na Vila Vitória II, que comporta três praças e um campo de futebol. No perímetro do mesmo bairro também está a Subestação de Energia Itumbiara Nova, conectada às linhas de transmissão. É interessante destacar que o planejamento urbano destinou as três praças em terrenos que distam muito pouco da faixa de servidão, seja por motivos econômicos, seja por uma tentativa de concentrar áreas livres no entorno mais próximo do linhão.

Embora não se tenha informação oficial sobre a data de implantação do linhão na área em estudo, sabe-se que a Usina Hidrelétrica de Itumbiara possui 40 anos e que, numa retrospectiva temporal de quatro décadas, os bairros que hoje cercam o espaço não existiam ainda. Pelo Google Earth é possível visualizar a área através de uma linha do tempo (Figura 6), que se inicia no ano de 2003.

**Figura 6 - Linha do Tempo da Faixa de Servidão de Itumbiara**



Fonte: Google Earth (2003-2021). Trabalho gráfico elaborado pelo autor (2021).

De acordo com a linha do tempo acima, observa-se que a faixa de servidão sofreu variações quanto à sua composição vegetal, pois apresenta momentos de verde intenso (2020) e outros com tons mais terrosos ou acinzentados (2021), características de área desprovida de grande concentração vegetal e de queimadas, respectivamente. Quanto à APP, é possível perceber que, em 2003, seus limites com o meio urbano eram muito tênues, de modo que a sua mancha se estendia rumo aos bairros do entorno e se mesclava à vegetação da extremidade Leste da faixa de servidão e dos lotes vagos próximos. A partir de 2011, com o avanço do Jardim Nova Itumbiara e sua expansão nos anos seguintes, a área ganha contornos mais definidos.



Em relação a esse desenvolvimento dos bairros do entorno, nota-se que o Cidade Jardim I, desde 2003, era o mais consolidado, enquanto que o Vila Vitória II e o Jardim Leonora tiveram aumento considerável de novas edificações na direção Sudeste. Jardim Nova Itumbiara, por sua vez, foi o bairro que mais se desenvolveu ao longo dos quase vinte anos registrados, podendo ser considerado inexistente no ano de 2003. A multiplicação de novas construções e, conseqüentemente, o crescimento populacional da circunvizinhança são fatores que estão diretamente relacionados à quantidade de interações pelas quais a faixa de servidão vem passando durante os últimos anos e pode influenciar, inclusive, nas características dessas interatividades, enquanto identidades mutáveis e ordinárias do espaço.

Apesar da linha do tempo ser útil para visibilizar algumas alterações pelas quais a área residual passou ao longo dos anos, como mudanças de cor e textura, e ajudar nas análises de ocupação geral do entorno da faixa de servidão, como previsto, a vista de topo não consegue captar e exprimir aspectos sensíveis do espaço. Sendo assim, faz-se necessário apresentar, agora, algumas fotografias do linhão de força, mas, ainda, enquanto instrumentos para caracterização física e de suas relações com os arredores mais imediatos, demandas que os mapas não foram capazes de suprimir. O olhar à deriva e as percepções que foram sentidas durante as vivências, constituindo as questões centrais deste trabalho, ficarão a cargo das narrativas do “Diário de Caminhadas”, presente no capítulo 4, e do discurso a partir das imagens fotográficas, constante em “Andanças” (anexo).

Na Figura 7, verifica-se a faixa residual sob o linhão de força, ladeada por ruas pavimentadas e construções residenciais térreas do bairro Jardim Leonora (lado direito da imagem). O cruzamento viário, que atravessa a porção de terra, e pelo qual a água escorre, indicando um desnível topográfico, acontece interligando os bairros Jardim Leonora (lado direito e de cota mais baixa) e Vila Vitória II (lado esquerdo e de cota mais alta). Dentro da área intersticial, em primeiro plano, percebe-se que pontos frequentes de despejo de entulho e, mais ao fundo, nota-se um ponto de queimada, devido à presença de fumaça; ambas formas inadequadas, porém existentes, de apropriação do espaço. Em último plano, é possível enxergar a linha do horizonte, devido à grande abertura do campo de visão e condicionantes de altimetria do terreno.

**Figura 7** - Faixa de Servidão de Itumbiara



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).



De outro ângulo (Figura 8), identifica-se, novamente, a faixa de servidão, com pontos dispersos de acúmulo de lixo (à esquerda), motivo pelo qual, pode-se inferir, os dois urubus encontram-se no topo das torres das linhas de transmissão no momento em que foi realizada a fotografia. Também são visíveis as ruas adjacentes asfaltadas e moradias de pavimento único, do bairro Vila Vitória II. Embora neste trecho fotografado não exista um cruzamento previsto pelo desenho urbano oficial, repara-se que um atalho foi criado, cortando o espaço residual perpendicularmente. Além disso, devido à sua largura e marcas de pneus em seu comprimento, confirma-se que tal rasgo é utilizado por veículos de duas e quatro rodas, fora o uso feito pelos pedestres.

Sua existência comprova que, mesmo a área sob o linhão estando subdividida em cinco segmentos, com travessias pavimentadas em pontos estabelecidos pelo traçado original, as práticas cotidianas de espaço transbordam os enquadramentos do planejamento urbano. É importante destacar, ainda, que a ocorrência de apropriações como essa, de atalhos para deslocamento de automotores, em específico, só são possíveis devido à ausência de uma gestão plena das áreas residuais, a ser realizada antes por apropriações cotidianas do que por restrições ou controle do planejamento, haja vista sua ineficácia. Caso houvesse, por exemplo, meio-fio entre a faixa de servidão e a rua, ou calçamento no passeio público do perímetro do espaço intersticial, intervenções assim seriam dificultadas ou, até mesmo, impossibilitadas.

**Figura 8 - Atalho na Faixa de Servidão**



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A partir de outro enfoque (Figura 9), verifica-se a faixa de servidão como divisora de níveis entre a rua e o casario térreo do bairro Vila Vitória II (lado esquerdo, na foto, e de cota mais alta) e as calçadas das casas do Jardim Nova Itumbiara (lado direito e de cota mais baixa). Dentro da área residual, percebe-se a existência de taludes, vencendo a topografia, e também algumas espécies de vegetação, inclusive, floridas e bem cuidadas, fruto de apropriações populares. Mais ao fundo, as últimas torres direcionam as linhas de transmissão para a Subestação de Energia Elétrica.

**Figura 9** - Linhas de Transmissão e Subestação de Energia



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Diante do reconhecimento de algumas características da faixa de servidão de Itumbiara, procurando uma escala mais aproximada do habitante, identifica-se que ela se comporta não somente como uma centralidade física e funcional para a área, conforme os mapas conseguiram expressar, mas também como objeto de interações, enquanto práticas de identidades triviais. Um meio desprovido de intencionalidades prévias de uso e que não oferece uma experiência pronta e programada, como o linhão de força, possibilita a ocorrência de interatividades que, como foi visto a partir das ideias de Lefebvre (1967), pode gerar manifestações de natureza diversas e apropriações humanas que refletem o potencial inerente às áreas residuais - o porvir. Assim, como foi analisado nas fotografias acima, por meio do imaginário

e da construção coletiva novos significados foram atribuídos ao espaço residual da cidade.


Nesse sentido, embora a análise das imagens tenha se restringido até este momento a uma visão factual do linhão de força, o propósito deste trabalho se reafirma ao elencar as manifestações prosaicas que só foram possíveis de ser reconhecidas por meio de fotografias, em escala local, capturadas durante a experiência direta e fruição dos espaços intersticiais de Itumbiara. Dessa forma, em aproximações sucessivas visando o aprofundamento nas dimensões sensíveis e imaginais do espaço, serão discutidas, no próximo capítulo, as ideias de alguns autores sobre o ato da imersão corpórea, suas premissas e meios para realizá-la.



2

Experiências e  
Práticas de Espaço  
*Referenciais Teóricos*





Em virtude dos enfoques aplicados sobre as áreas residuais, no capítulo anterior, sobretudo na faixa de servidão de Itumbiara, e considerando as reflexões que surgiram ao longo desta pesquisa, faz-se necessário compreender melhor a imersão corpórea, como ocorrem os processos de trocas com o ambiente e suas reverberações nas dinâmicas humanas, em suas dimensões psicológicas, sociais, antropológicas e culturais. Em um primeiro momento, apresenta-se um estudo de aspectos teórico-conceituais para que, no capítulo 4 e na montagem visual anexa, sejam apresentados os registros das vivências, buscando proporcionar ao leitor uma imersão imaginária, por meio de relatos de caminhada e a partir do discurso de imagens fotográficas capturadas durante a imersão corpórea. Desse modo, a experiência direta do espaço será, aqui, analisada estabelecendo diálogos entre autores que a abordam sob a perspectiva da fenomenologia<sup>8</sup>.

Busca-se o amparo fenomenológico para o entendimento sensível das áreas residuais pelo fato de que ele é capaz de demonstrar a conexão entre o ser e o mundo, considerando as influências e a interdependência entre eles, não sob um olhar sentimentalista, tampouco com uma visão cartesiana, mas sim por meio de uma poética do espaço, ou geopoética (PIERRON, 2012).

deve-se sobretudo entender que, para uma poética, é o caso de descartar tanto o modelo

---

<sup>8</sup> Seria preciso um aprofundamento filosófico para explicar, com precisão, sobre a corrente de pensamento da fenomenologia, enquanto modo de concepção e estudo do mundo, o que escaparia ao alcance e aos propósitos deste trabalho. Procuramos nos ater aos conceitos que se relacionam de modo central à experiência direta do espaço.

objetivista que reduz o meio a seus dados numéricos, quanto o modelo subjetivista que faz do espaço um lugar de projeções afetivas, para encontrar uma terceira via, aquela das imagens que nos ligam ao meio por uma metamorfose do exercício da razão. (PIERRON, 2012, p. 3)

Levando-se em consideração os pontos de contato entre as ideias conceituais de áreas residuais e paisagem, (estabelecidos sob o prisma das paisagens banais, de Pierre Sansot, no tópico 1.2), no que diz respeito à experiência corpórea, apoiada em pensamentos oriundos da fenomenologia, é interessante destacar as reflexões do geógrafo Jean-Marc Besse. Ao falar sobre o que denomina de “quarta porta da paisagem” (entre outras “portas” ou abordagens distintas da noção de paisagem), o autor (BESSE, 2014, p. 45 e 47) compreende a paisagem como uma comprovação da presença do outro e do exterior, um acontecimento, um evento, que se configura por meio do ato da experiência sensível, direta, física, entre o ser humano e o mundo. Sob essa óptica do acontecimento, a paisagem firma-se, então, não somente como uma validação da concretude do mundo, mas como uma forma de experiência fenomenológica da qual participam, sem distinção, o eu e o mundo, num entrelaçamento mútuo entre dimensões subjetivas e objetivas.

Em suma, o exercício da experiência, ou o experienciar do lugar, pode ser entendido como uma ação que permite com que a imaginação fique livre e, assim, neste momento, é possível que o ser frua dos espaços seguindo os sentidos humanos, em contato com todos os elementos presentes: “A água, o ar, a luz, a terra:





todos, aspectos do mundo que estão abertos aos cinco sentidos, à emoção, a um tipo de geografia afetiva que repercute os poderes de ressonância que possuem os lugares sobre a imaginação” (BESSE, 2014, p. 46).

Em relação a essa liberdade imaginativa, própria das experiências sensíveis, vale destacar o que o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa afirma sobre o potencial que as cidades possuem de instigar a imaginação. Segundo o autor, a urbe comporta “mais do que pode ser descrito. Um labirinto de claridade e opacidade, ela exaure a capacidade humana de descrição e imaginação” (PALLASMAA, 2017, p. 47).

Sendo assim, as caminhadas praticadas nos arredores da faixa de servidão de Itumbiara poderiam ser caracterizadas enquanto experiências diretas e sensíveis do espaço das cidades, dotadas de potencial imaginativo, uma vez que os espaços intersticiais em estudo possuem afinidades com alguns aspectos das paisagens, em específico, as paisagens banais, como a capacidade de propiciar vivências ordinárias, não programadas e desprovidas de excepcionalidades. Dessa maneira, pode-se aproximar as experiências diretas, na área do linhão de força da cidade, da experiência fenomenológica da paisagem, tratada por Besse, e entendê-las também como mecanismo ativador da imaginação poética a partir do contato direto com a cidade.

Para além disso, sobre a experiência fenomenológica, Besse (2014, p. 49-50) acrescenta que “A paisagem é o evento do horizonte”. Considerando que a paisagem é entendida pelo autor

como uma vivência, uma prática de espaço, por analogia, pode-se entender, então, que a imersão corpórea, ou a experiência direta, é o evento do horizonte. Nesse sentido, Besse amplia a ideia de horizonte, comumente entendido como linha de encontro entre o céu e a terra, compreendendo que ele se dá como aquilo que está presente em algum meio, de forma velada, invisível e que não é percebida, mas, inevitavelmente, encontra-se nos interstícios daquilo que é visível, em uma forma de coexistência. Desse modo, a experiência direta teria como um de seus potenciais a capacidade de fazer reconhecer, no mundo, aspectos que costumeiramente não são enxergados, portanto, invisíveis.

Sobre os aspectos de visibilidade, Pallasmaa (2017, p. 49), ao pensar nas possibilidades presentes nas cidades, entende que é preciso haver um equilíbrio entre o que vemos e o que não enxergamos, o que sabemos e o que não conhecemos. Dessa forma, segundo o autor, é que a cidade consegue ativar melhor a nossa capacidade de imaginar.

Necessitamos de segredo e de sombras com a mesma urgência que desejamos ver e saber; o visível e o invisível, o conhecido e aquilo que está além de nosso conhecimento devem encontrar um equilíbrio. A opacidade e o segredo alimentam a imaginação [...] (PALLASMAA, 2017, p. 49)

Essa capacidade de reconhecimento do oculto que permeia a fruição sensível do espaço é denominada por Besse como “potência de transbordamento do ser”. Para que ela aconteça, é necessário se desprender de referências, de mapas e de tudo aquilo que nos molda e limita. Assim, o invisível acontece quando o ser





assume não se programar, renunciando à geografia e seus parâmetros de representação, contato e leitura espacial, e permite-se perder-se no horizonte, na experiência fenomenológica da paisagem.

Nesse sentido, as derivas sensíveis, praticadas no entorno da faixa de servidão de Itumbiara, comportam-se não somente como experiências diretas e fenomenológicas do espaço, mas também como meios de desvelamento dos aspectos invisíveis dessa área residual, não por sua descrição objetiva, mas, justamente, pelo coenvolvimento do ser com o espaço. Tais descobertas, por sua vez, levam à criação de imagens poéticas que conferem novos significados e vitalidade para o espaço residual e para a vivência experimental. Assim, pode-se dizer que os relatos textuais e a montagem visual que integram este trabalho cumprem o papel de tentar registrar o que está oculto no linhão de força, as sensações experimentadas e as interpretações imaginadas poeticamente durante a imersão corpórea.

Ao se expor fisicamente, durante a experiência sensível, as dimensões interiores humanas estão em contato direto com a exterioridade do mundo. Sob essa óptica, o sujeito é colocado para fora de si e mergulhado nesse espaço real, físico e externo. No entanto, segundo Besse (2014), o que está do lado de fora já não se apresenta como objeto, porque a paisagem-acontecimento desprende-se de subjetividades e objetividades. A paisagem-experiência, para o autor, acontece a meio caminho entre objeto e sujeito, nas diluições mútuas de dimensões objetivas e subjetivas, resolvendo, então, os limites entre o ser e o mundo, que foram

colocados em contato direto. Dessa forma, a exposição para além dos limites habituais do ser possibilita descobertas sensíveis. Assim, a experiência direta, ou as derivas sensíveis pela faixa de servidão de Itumbiara, podem ser compreendidas, portanto, como “um sujeito fora e um fora sem objeto” (BESSE, 2014, p. 49).

O autor (BESSE, 2014, p. 48) entende que essa prática de espaço acontece, fundamentalmente, por meio da caminhada. É caminhando que acontece a diluição mútua entre sujeito e objeto e, assim, o ser entra em contato direta e fisicamente com o exterior, sentindo o cansaço inerente ao ato de deslocar-se pelo espaço. Segundo Besse, o cansaço é capaz de devolver ao corpo a capacidade de absorver e de se abrir sensivelmente à experiência fenomenológica. Essa habilidade é denominada pelo autor de “*porosidade* em relação ao mundo, que lhe restitui a sua capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo” (BESSE, 2014, p. 48, grifo do autor).

Para Pallasmaa (2017, p. 49), as nuances da cidade, que possibilitam o mistério e instigam a imaginação, são capazes de acolher as emoções humanas e despertar empatia, tornando-nos participantes ativos do cotidiano. Dessa maneira, nossos sentidos captam o exterior e o trazem para dentro de nós, ao mesmo tempo que nos diluimos no espaço e montamos um mosaico de impressões sensoriais: “a cidade e o corpo se complementam e definem mutuamente” (PALLASMAA, 2017, p. 51).

Como a “potência de transbordamento do ser” possibilita o reconhecimento de aspectos invisíveis do espaço que, por sua vez,





propiciam a criação de novos sentidos, imaginados poeticamente, as caminhadas, enquanto meios de efetivação da experiência direta e, conseqüentemente, dotadas desse mesmo potencial, evocam também a imaginação poética, atribuindo novos significados aos lugares, ao expor o ser ao mundo e torná-lo vulnerável à captação de dados sensíveis que permeiam ao seu redor, por meio da porosidade. “A percepção, a memória e a imaginação estão em constante interação” (PALLASMAA, 2017, p. 53).

As reflexões tratadas até aqui, referentes à experiência sensível, sob a perspectiva fenomenológica, podem ser aproximadas, em certa medida, da noção do fazer poético, de Jean-Philippe Pierron. Para o autor (PIERRON, 2012, p. 8), o fazer poético seria um modo de abordagem das vinculações entre o homem e a natureza, o qual aconteceria por meio da caminhada. É caminhando que o homem experimenta e estabelece elos com a natureza. Nas andanças, os sentidos se aguçam e captam as diferentes sensações do meio, como a luminosidade e o calor do sol, o vento, a brisa e a leveza da água e a solidez da terra. Dessa forma, segundo o autor, é que se consegue fazer corpo com a carne do mundo, ou seja, a experimentação espacial, a imersão corpórea nos permite sentir as ambiências do lugar, as quais nos conectam ao mundo.

Diante dessas considerações, pode-se depreender que as caminhadas nos arredores da faixa de servidão de Itumbiara, por estabelecerem o contato direto e sensível do ser com o mundo, se comportam como ativadoras da “porosidade” humana (BESSE,

2014, p. 48) e, simultaneamente, tornam o ser um receptor de “ondas mundificadoras” (PIERRON, 2012, p. 7).

Em complementação às ideias de Besse e de Pierron, sobre o ato de caminhar, pode-se apresentar aqui alguns aspectos abordados por Michel de Certeau que se aproximam das características da experiência direta até então relacionadas neste trabalho. Segundo o autor (CERTEAU, 1988), a dinâmica do cotidiano urbano é moldada pelo caminhante. Por meio das caminhadas, ele legitima critérios ou, então, desconstrói e transpassa limites pré-estabelecidos pela organização espacial, que objetiva uma padronização dos movimentos. Nesse sentido, Certeau opõe a visão direta das caminhadas à vista de cima, utilizada não somente pelo planejamento urbano, em suas intenções de ordenamento do solo, como também pelos próprios habitantes da cidade, em ocasiões de necessidade de nitidez ou “leitura” objetiva dos movimentos frenéticos e “ilegíveis” das ruas. No entanto, são os passos esquecidos do homem comum que manipulam o espaço, que multiplicam as possibilidades de experimentação da cidade e que, para o autor, assemelham-se a uma forma de moldar percursos. A experiência direta da cidade, entendida como uma prática do espaço, se faz, portanto, no ato de caminhar.

Assim, percebe-se que as derivas sob o linhão de força de Itumbiara desempenham um papel semelhante ao que os “passos perdidos” (CERTEAU, 1988, p. 176) do homem comum exercem enquanto criadores de aspectos do cotidiano, dentre eles, a experimentação da cidade e o extravasamento dos limites da





organização do território. Na faixa de servidão em estudo existem, por exemplo, diversos trieiros e atalhos, vestígios involuntários de práticas imprevistas, que se encaixam nessa perspectiva da caminhada enquanto potência de transformação do espaço e transbordamento dos contornos do planejamento urbano.

Levando-se em consideração as reflexões aqui apresentadas sobre as características e as reverberações da experiência direta no espaço, e suas relações com a faixa de servidão, ressalta-se a importância da imersão corpórea, por meio das caminhadas, enquanto prática de reconhecimento sensível, de envolvimento do ser com o meio e de ativação da imaginação poética. Nesse sentido, o próximo capítulo abordará estudos de caso sobre experimentações poéticas e a experiência direta do espaço em linguagens e intencionalidades diversas, mas que apresentam aspectos que permitem o estabelecimento de paralelos com as intenções que mobilizaram a realização de derivas ao longo da faixa de servidão de Itumbiara e com os modos pelos quais seus registros foram empreendidos neste trabalho.



3

Experiências e  
Práticas de Espaço  
*Estudos de Caso*



An aerial, grayscale photograph of a city grid, showing a dense pattern of streets and buildings. The grid is slightly tilted, and the perspective is from a high angle, looking down on the urban layout. The streets form a regular pattern of squares and rectangles, with some larger open spaces or parks interspersed.

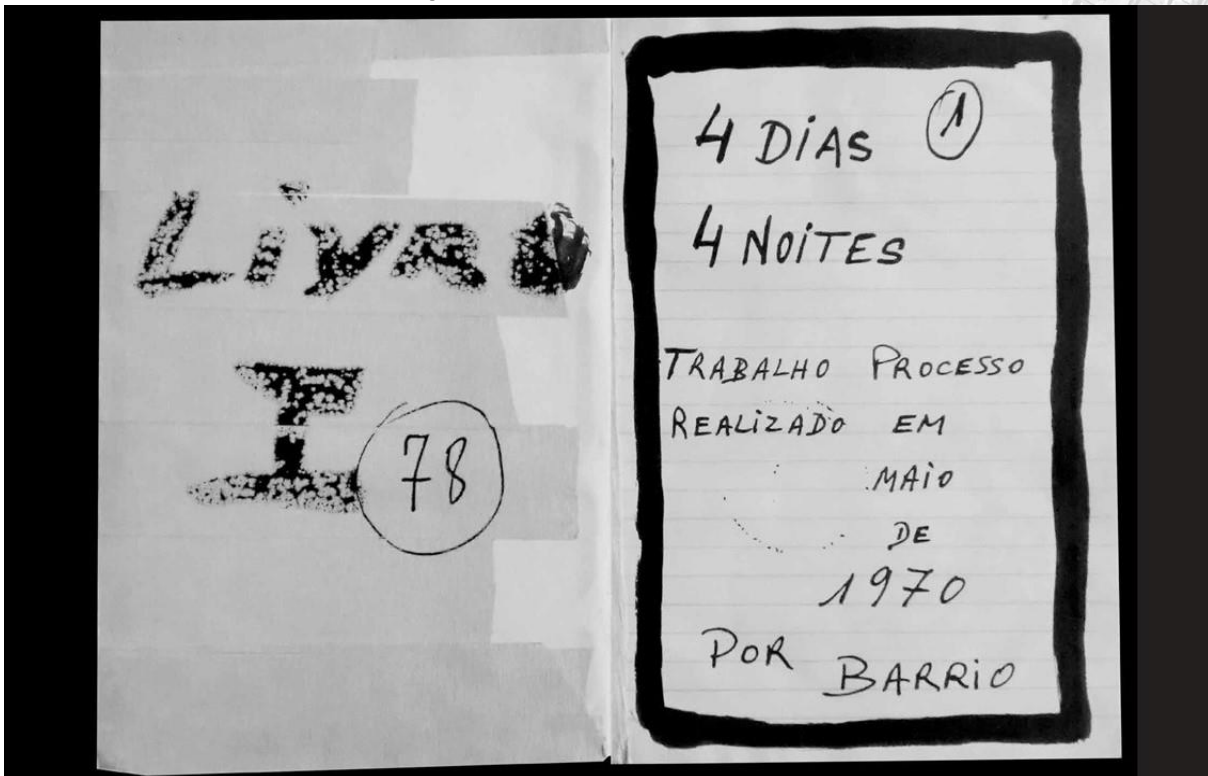
### 3.1 4 DIAS, 4 NOITES

Artur Barrio é um artista multimídia luso-brasileiro, desenhista, nascido em Porto, Portugal, no ano de 1945. Suas obras possuem caráter de elevado grau de questionamento político e social e valorizam a experiência, sendo majoritariamente efêmeras. Desse modo, o artista costuma utilizar materiais precários, perecíveis, sobras e resíduos como sal, sangue, papel higiênico, carne e pão, como crítica à produção da arte contemporânea.

*4 Dias, 4 Noites* é uma performance de Barrio, realizada em maio de 1970. Na ocasião, o artista percorreu sozinho, durante quatro dias e quatro noites, vários bairros da cidade do Rio de Janeiro, sem destino ou objetivos previamente definidos. A duração foi determinada pelo grau de exaustão física do próprio artista. De acordo com um relato feito após a deriva, o artista afirmou o desejo de registrar as vivências de sua experiência direta em um “CadernoLivro” de 400 páginas.

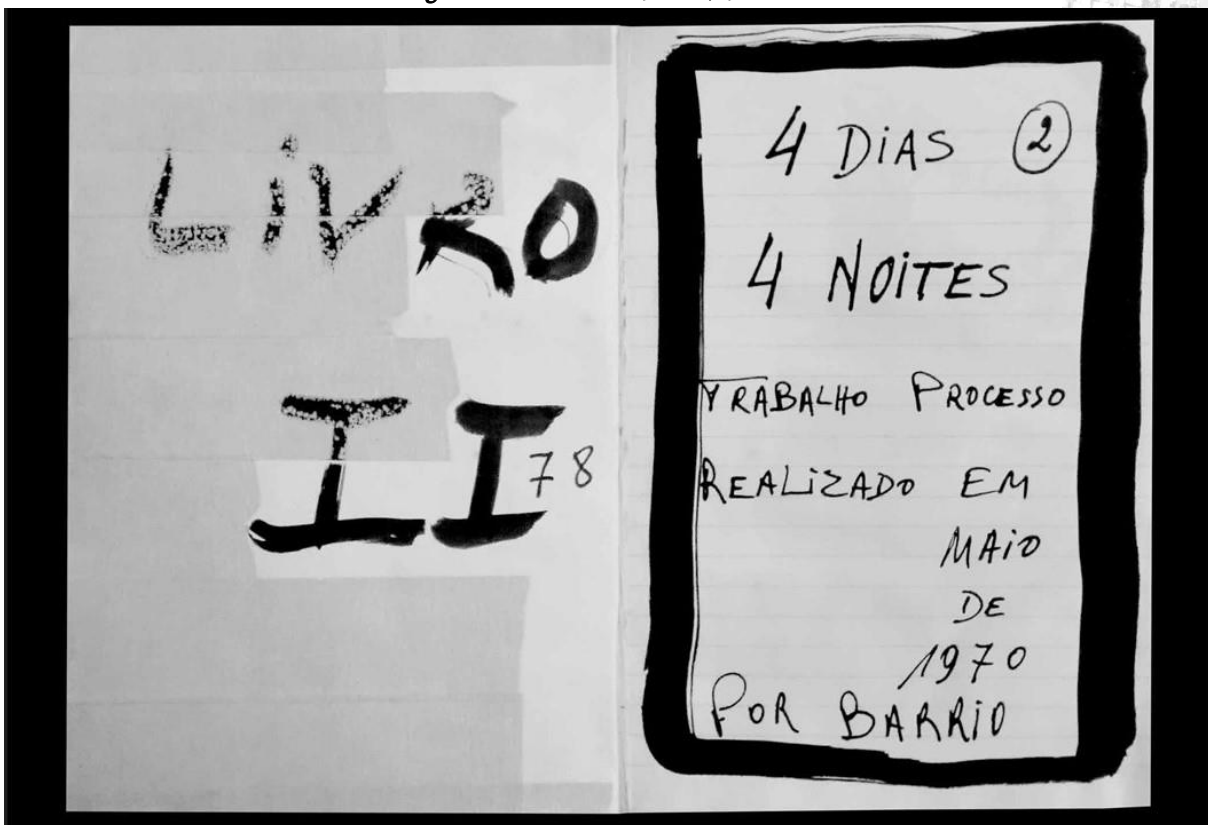
No entanto, Barrio chegou à conclusão de que era impossível narrar sua experiência, “quase um ato de rendição ao silêncio” (VISCONTI, 2012, p. 50) e o caderno de registros permaneceu vazio, sendo formado, portanto, por páginas em branco (Figuras 10 e 11). A desertificação que Barrio expõe “nos dá a experimentar uma errância pelo imprevisto, assim como ele mesmo fez nas ruas do Rio de Janeiro” (FARIA, 2012, p. 10) e, ao mesmo tempo, possibilita criações imaginárias de suas experiências por quem entra em contato com sua obra.

Figura 10 - Livro I - 4 Dias, 4 Noites




Fonte: FARIA, 2012, p. 9.

Figura 11 - Livro II - 4 Dias, 4 Noites



Fonte: FARIA, 2012, p. 10.



Dentro desse contexto, pode-se dizer que a escolha pelo não planejamento de rotas ou ações durante o percurso da caminhada e a possibilidade de novas interpretações a partir da tentativa de registro de Barrio são características que remetem, respectivamente, às derivas pelo linhão de força de Itumbiara e aos registros textuais e fotográficos organizados e descritos nos próximos capítulos deste trabalho. Em que pesem as especificidades de cada contexto e das táticas escolhidas para o registro das caminhadas, pode-se inferir que os desafios para exprimi-las – ou a impossibilidade de sua reconstituição completa, senão em um livro em branco – mobilizaram de modo central os procedimentos experimentados neste trabalho.

### 3.2 *TOUR DE ROMA*

O coletivo italiano *Stalker / Osservatorio Nomade* foi fundado no ano de 1995. Francesco Careri, um de seus fundadores e então recém-formado arquiteto e urbanista, realizou junto ao grupo, em outubro do mesmo ano, na cidade de Roma, a primeira atividade do coletivo: o *Tour de Roma*. Essa ação foi uma caminhada de, aproximadamente, 60 km em volta da cidade e que surgiu a partir do desejo desse grupo de jovens arquitetos e artistas de conhecer o outro lado da urbe, não cotidiano, além do que era narrado pelos professores da Faculdade de Arquitetura de Roma. Segundo Careri, os “professores falavam de uma cidade que não era aquela e nós queríamos explorar esse outro lado” (CARERI, 2013b, p. 9), a fim de compreenderem que a cidade também poderia ser lida a partir de um ponto de vista nômade.

Um dos principais focos da ação era experimentar diretamente os espaços residuais, “áreas abandonadas e degradadas, os *terrains vagues* [...] que *Stalker/on* considera mananciais de uma possível resistência da natureza à expansão das metrópoles” (VISCONTI, 2012, p. 170). Apesar do coletivo ter feito alguns estudos cartográficos antes de irem a campo, para melhor entenderem as possibilidades do caminhar pelas áreas residuais, durante a ação eles não levaram os mapas consigo. O coletivo também escreveu um manifesto explicativo para a imprensa no qual apresentaram a cartografia do percurso (Figura 12), os objetivos e algumas considerações sobre os espaços intersticiais pelos quais passariam:

Vai-se à descoberta de um sistema territorial difuso, indefinido e metamórfico dentro do perímetro urbano, feito de áreas descuidadas e de bosques, fossos, campos cultivados e campinas, ruínas, fortes, vilarejos e torres medievais, assentamentos ilegais, centrais elétricas, antenas, aquedutos e cisternas de água, trevos de autoestradas e túneis ferroviários; dominados pelos contornos dos monumentais complexos de edificação popular ali fincados e pelas compactas paredes da cidade construída que determinam os seus limites. Espaços fascinantes, muitas vezes desprovidos de toda representação. (CARERI, 2013a, p. 160-161)



**Figura 12** - Cartografia do Percurso



Fonte: CARERI, 2013a, p. 160.

De acordo com Careri, o coletivo já sabia, de antemão, que estava realizando uma obra de arte na própria ação da caminhada. Nesse sentido, os registros realizados (Figuras 13, 14 e 15) não tinham o intuito de comercialização. Durante a ação, o grupo fez fotos panorâmicas, fotografou pessoas caminhando, paisagens, objetos abandonados, escreveu relatos e gravou vídeos. Cada membro registrava à sua maneira, mas as formas de representação não foram planejadas antes. O arquiteto conta,

ainda, que não tocavam em nada, não pegavam e tampouco deixavam coisas por onde passavam, mas testemunhavam o que a eles era revelado durante a caminhada pelos interstícios de Roma (CARERI, 2013b, p. 10-11).

Figura 13 - *Errand*



Fonte: Site Issuu<sup>9</sup>.





Figura 14 - *Attraverso*



Fonte: Site Issuu<sup>10</sup>.

Figura 15 - *Per Ascoltare*



Fonte: Site Issuu<sup>11</sup>.

10

Disponível

em:

<[https://issuu.com/stalkerpedia/docs/stalker\\_attraverso\\_i\\_territori\\_attuali](https://issuu.com/stalkerpedia/docs/stalker_attraverso_i_territori_attuali)>. Acesso em: 12 mar. 2022.

11

Disponível

em:

<[https://issuu.com/stalkerpedia/docs/stalker\\_attraverso\\_i\\_territori\\_attuali](https://issuu.com/stalkerpedia/docs/stalker_attraverso_i_territori_attuali)>. Acesso em: 12 mar. 2022.

Diante dessas considerações, percebe-se que o *Tour de Roma* apresenta alguns aspectos muito semelhantes às derivações pelas áreas residuais de Itumbiara. Dentre eles, pode-se destacar o ato de caminhar por espaços que carecem de outros meios de representação e que são negligenciados pela população; a imersão direta nas áreas residuais; a busca por leituras alternativas da cidade que possibilitem descobertas e desvelamentos de potenciais ocultos e as tentativas de registro da experiência realizadas de modo não planejado, mas conforme sugeriram as interpretações sensíveis e poéticas durante a ação.

### 3.3 LOTES VAGOS

O projeto “Lotes Vagos: ocupações experimentais”, desenvolvido pelos arquitetos e urbanistas Breno Silva e Louise Ganz, foi realizado em Belo Horizonte - MG, em 2005 e 2006, e em Fortaleza - CE, no ano de 2008. Com o intuito de reconfigurar o espaço urbano e de ressaltar áreas residuais dotadas de potenciais inventivo e experimental, a ação envolveu artistas, arquitetos e a comunidade. Juntos, transformam terrenos ociosos, de propriedade privada, em espaços públicos para uso coletivo, de maneira temporária.

O processo de ocupação aconteceu por etapas, sendo a primeira delas a realização de caminhadas pela cidade, mapeando os lotes vagos em potencial. Depois, foi feita a negociação (empréstimo por tempo pré-determinado) com os proprietários para, em seguida, as ações de transformação do espaço serem discutidas e colocadas em prática, junto à comunidade. As





intervenções variavam e buscavam manter relações com o perfil dos moradores, as atividades da vizinhança e com as especificidades físicas do lugar.

Segundo Ganz (2009, p. 10), o projeto de ocupação experimental incentiva as pessoas a experimentarem o espaço de diversas maneiras, produzindo a cidade de forma ativa, contestando a noção de propriedade privada, além de possibilitar repensar as áreas urbanas a partir de diferentes pontos de vista, uma vez que a presença dos terrenos vagos se dá distribuída em toda a cidade. No entanto, as ocupações não são uma tentativa de apagar o caráter de abandono desses lugares, de requalificá-los ou revitalizá-los, mas sim de sugerir novos usos, provisórios, que transitem entre o vago e o propositivo e que expressem as particularidades do sítio.

De acordo com a professora e artista Brígida Campbell, que traz em seu livro “Arte para uma cidade sensível” uma série de obras de arte que discutem e são produzidas no espaço público do Brasil, dentre elas, as ocupações experimentais de Silva e Ganz,

o projeto [“Lotes Vagos”] pensa os lotes vagos como extensões do doméstico, que podem ser lugares para o lazer e o ócio, mas também como extensão da casa e da domesticidade, pois o espaço público também se faz pelo uso e pelas práticas informais, legais ou ilegais, como habitações, vendas e plantações que se dão em ruas e áreas residuais. (CAMPBELL, 2015, p. 72)

Nesse sentido, é possível estabelecer correlações entre as propostas desse projeto com algumas apropriações da faixa de servidão de Itumbiara: o plantio e o cuidado com os jardins,

hortas, pomares e diversos cultivos agrícolas, dentre outros usos. Assim, o linhão de força apresenta o caráter de ampliação do espaço doméstico, atenuando os limites entre o público e o privado, além de outras características particulares (por exemplo, os usos voltados ao descarte de resíduos do consumo humano e da construção civil). Para melhor contextualização das intervenções de “Lotes Vagos”, seguem, abaixo, algumas ocupações que foram propostas durante o desenvolvimento do projeto:

A ação “Perímetro” (Figura 16) foi realizada em Belo Horizonte - MG, em junho de 2005. Na ocasião, foi escolhido um lote de 2000 m<sup>2</sup>, sem definição precisa de seus limites, sem muros e utilizado pela população como espaço de passagem e acesso ao “Aglomerado Morro das Pedras”. Devido à constância das travessias realizadas pelas pessoas, o terreno apresentava caminhos informais marcados visualmente no chão, semelhantes aos “trieiros” da faixa residual de Itumbiara. Nesse sentido, a proposta foi uma ação momentânea, baseada nas relações de passagem que os transeuntes estabeleciam com a área. Durante 12 horas ininterruptas, foram observadas as transições das pessoas pelo espaço e, gradativamente, o desenho dessas travessias foi demarcado com água e cal, no próprio solo.



**Figura 16 - Perímetro**



Fonte: GANZ, 2009, p. 69.

Outra ocupação experimental desenvolvida pelo projeto foi o “Banquete Coletivo” (Figura 17), na cidade de Sabará - MG, em setembro de 2006. Adotou-se um lote plano, descampado e completamente aberto, utilizado pela população local como campinho de futebol e inserido num contexto urbano com conjuntos habitacionais, casas e botequins. A proposta teve como objetivo realizar um banquete a céu aberto para a própria comunidade. As famílias fizeram as comidas e levaram também bebidas, cadeiras, pratos e talheres, enquanto outros colaboradores da ação instalaram uma mesa de 22 metros de comprimento no terreno.

**Figura 17 - Banquete Coletivo**



Fonte: GANZ, 2009, p. 71.

Também é fruto do projeto dos arquitetos a intervenção “Jardim de Cactus” (Figura 18), realizada em Fortaleza - CE, em março de 2008. Tendo escolhida como área residual em potencial uma faixa de terra, localizada em uma esquina de acesso a um bairro da cidade, a proposta apresentada foi a junção do desejo de uma moradora, Lúcia, por um jardim que não demandasse cuidados muito rigorosos com a ideia de um jardim de cactus, dada pelo artista Euzébio Zlocowick. Assim, a ação foi iniciada com o replantio de mudas, pelo artista, com a intenção que, todo dia 25 dos meses seguintes, a experiência ganhasse continuidade e passantes pelo local se envolvessem com a atividade.

Intervenções similares ocorrem na faixa de servidão, em Itumbiara – ainda que de modo efêmero, espontâneo e não programado - na qual vários trechos de terra foram transformados por moradores próximos em espaço de cultivo de diversas espécies vegetais.

**Figura 18** - Jardim de Cactus



Fonte: GANZ, 2009, p. 77.

Tendo em vista o referencial teórico estudado no capítulo 2 e os pontos de contato com as referências de práticas de espaço e seus registros, abordadas neste capítulo, faz-se pertinente apresentar o “Diário de Caminhadas”, a seguir, com os relatos textuais de incursões realizadas no entorno do linhão de força de

Itumbiara. Esses registros comprovam a necessidade da imersão corpórea para o reconhecimento sensível do espaço, por meio da diluição entre o ser e o meio, ativando, assim, a imaginação poética.



4

# Diário de Caminhadas





A necessidade de registrar, de alguma maneira, as experiências diretas realizadas nos arredores da faixa de servidão, em Itumbiara, foi surgindo e confirmando-se à medida que os estudos teórico-conceituais avançavam. O entendimento das áreas residuais enquanto espaços dotados de potencialidades pouco evidentes ou ocultas, mas que podem se dar ao reconhecimento a partir do contato sensível, na escala do corpo humano, foi fundamental para a tomada de decisão das caminhadas no entorno do linhão de força. Sendo assim, os registros foram realizados com o intuito de uma tentativa, mesmo que incompleta, de prolongamento da vida dessas experimentações, já que “a paisagem é primeiramente *vivenciada* e depois, talvez, falada, a palavra buscando, sobretudo aqui, prolongar a vida, ou melhor, o vivo que faz da paisagem uma experiência” (BESSE, 2014, p. 47, grifo do autor). Ao mesmo tempo, o Diário busca proporcionar ao leitor uma imersão imaginária, convidando-o a interpretar poeticamente o espaço.

É importante ressaltar também que essas práticas poéticas, bem como seus registros, podem contribuir para futuros projetos. Segundo Arthur Cabral (2020a), arquiteto e urbanista, é por meio da caminhada que reconhecemos sensivelmente o espaço e, então, o transformamos: “descobrir o existente pode ser entendido, em grande medida, como uma forma de intervenção” (CABRAL, 2020a, p. 9). Por outro lado, tratando-se de modificações concretas no espaço, a caminhada desempenha papel fundamental para que essas transformações venham a ocorrer, mesmo em espaços banais, como as áreas residuais, conforme

evidenciado nos estudos de caso “Lotes Vagos”. As possíveis descobertas e desvelamentos daquilo que existe em potência, inerentes à experiência direta do ser com o mundo, alimentam a dimensão inventiva que, por sua vez, contribui ao fazer projetual, prático e concreto. Isto é, enquanto caminha, o ser humano desvela, e o desvelamento possibilita criar, por meio da imaginação.

Nesse contexto, a leitura urbana proposta neste trabalho pode contribuir para a comunidade itumbiareense em futuros estudos, práticas projetuais e intervenções, especificamente na faixa de servidão, porque apresenta potencial não somente para detonar novas experiências, mas carrega consigo reflexões e provocações para serem consideradas durante o fazer projetual/interventivo. Embora não seja uma leitura instrumentalizada e que subsidiará com dados objetivos do espaço, a leitura apresentada alimenta as etapas de criação do processo de projeto, seja ele arquitetônico, urbanístico ou paisagístico, com os dados sensíveis coletados e registrados (CABRAL, 2020a, p. 3).

Inicialmente, as caminhadas seguiriam rotas pré-definidas, a fim de cobrir todo o perímetro da faixa de servidão. Assim, seria realizado um exercício lógico-linear, no qual a região do linhão de força seria dividida em partes proporcionais e trajetos seriam percorridos em dias e horários pré-estabelecidos. Entretanto, essa metodologia de experimentação espacial, por meio de roteiros previamente definidos, foi perdendo o sentido à medida que os referenciais teóricos foram sendo discutidos e





compreendidos. As áreas residuais permeiam o cotidiano como consequência dos deslocamentos das pessoas, de forma casual, e não porque elas integram, intencionalmente, os trajetos programados. O ato de caminhar, enquanto atividade física, até pode seguir rotas pré-determinadas e ter uma duração cronometrada. No entanto, apesar de algumas pessoas caminharem nos contornos das linhas de transmissão, geralmente, estão cumprindo suas horas de exercício físico, compenetradas no ritmo de seus passos e alheias aos dados sensíveis do mundo.

Por outro lado, as caminhadas como formas de estabelecer o contato direto com as áreas residuais não devem acontecer de modo previamente planejado. Elas precisam fluir de acordo com a imaginação poética e as sensações que vão sendo apreendidas pelo caminhante, como uma dança que segue uma melodia. A caminhada-experiência não deixa de ser um exercício, capaz de afetar o nosso corpo, já que respondemos aos estímulos do ambiente no qual estamos imersos, contudo, “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (BONDÍA, 2002, p. 28). Assim, nas experiências diretas, diferentemente das caminhadas comuns, busca-se uma liberdade de movimentos, a fim de deixar-se perder-se nas atmosferas do espaço. Nesse ato de entrega e mescla do ser com o meio, “o olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (CHAUÍ, 1988, p. 33 *apud* SATO, 2016, p. 11).

Nesse sentido, propôs-se o desprendimento dos itinerários, permitindo conferir às caminhadas o caráter de derivas experimentais e possibilitando a liberdade que essa prática requer. Para isso, fez-se muito pertinente adotar como referência o que os situacionistas nos apresentam em “Teoria da Deriva”<sup>12</sup>. De autoria de Guy Debord (1931-1994), escritor e pensador francês, um dos fundadores da Internacional Situacionista e membro da Internacional Letrista, essa teoria entende a deriva como um ato psicogeográfico, o qual busca compreender os efeitos que o meio urbano produz no comportamento psicológico e emocional das pessoas. Por meio da deriva, parte-se de um determinado lugar e vagueia-se, sem rota ou itinerário, apenas deixando-se ser conduzido pelas sensações e atmosferas do espaço.

[...] a deriva se apresenta como uma técnica ininterrupta através de diversos ambientes. O conceito de deriva está ligado indissolavelmente ao reconhecimento de efeitos da natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que se opõe em todos os aspectos às noções clássicas de viagem e passeio. (DEBORD, 1958, p. 2)

De acordo com a etimologia (psico: mente + geo: terra + grafia: escrita), psicogeografia é uma forma de “escrita”, na qual são feitas associações entre os aspectos da terra e os efeitos psíquicos oriundos do contato direto com os lugares. Assim, a busca é pelo imprevisto, pelo que acontece de repente, permitindo que a fruição do espaço oriente a caminhada em trajetos traçados

---

<sup>12</sup> A Teoria da Deriva foi publicada na Revista Internacional Situacionista, nº 2, em dezembro de 1958.





pelo próprio caminhar. A deriva psicogeográfica se constitui, então, como uma experimentação espacial lúdica e sensorial.

Dentro desse contexto, a documentação das imersões corpóreas nas imediações da faixa de servidão de Itumbiara foi organizada em um “Diário de Caminhadas”, no qual cada subtítulo corresponde a uma experiência direta e traz consigo narrativas por meio de imagens textuais poéticas, que tentam expressar as ambiências percebidas pelo autor. Ainda que os meios de expressão não consigam comunicar plenamente toda a vivência, o registro poético (BESSE, 2014, p. 52-53) é uma das formas que mais se aproxima da restituição da imersão direta e que é capaz de trazer à tona a sensibilidade experimentada. Por isso que “a linguagem fenomenológica é poética porque busca traduzir os sentidos e as significações do olhar, sem estabelecer o veredito do que é falso ou do que é verdadeiro, do acerto ou do equívoco” (SATO, 2016, p. 24).

De acordo com Bondía (2002, p. 21) as palavras têm o poder de produzir sentidos, criar realidades e, assim, quando as utilizamos, estamos conferindo sentido ao que nos acontece a partir do modo como correlacionamos as palavras e as coisas. Entre forma e conteúdo, ou entre significado e significante, buscamos expressar, por meio da linguagem textual, as nossas experiências, isto é, para Bondía, registrando aquilo que nos acontece. Portanto, o “Diário de Caminhadas” apresentado a seguir busca expressar e conferir sentido às experiências diretas por meio do uso das palavras.



*O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão da geometria. É um espaço vivido. É vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.*

(Gaston Bachelard)





#### 4.1 APRENDIZ DE DERIVANTE

Acordo relativamente cedo para um sábado, ansioso feito criança antes de uma viagem. Rapidamente, me apronto e tomo o café da manhã. Não posso demorar muito, os últimos dias têm sido quentes demais e, daqui a um instante, o Sol já estará esbravejando lá fora. Tênis nos pés, boné na cabeça, a garrafa d'água na mochila e o celular na mão: meto o pé na calçada da minha casa.

Inspiro longamente o ar que atravessa a máscara de tecido preto. Tento sentir com a pele algum sinal de vento, uma brisa que seja, mas, por enquanto, só consigo perceber o afago do astro-rei. Atravesso a rua e vou caminhando pela calçada, olhos (des)atentos buscando por chamarizes invisíveis do cotidiano.

Viro à esquerda e agora estou exatamente na rua que acompanha o desenho da faixa de servidão. Sem querer, ou inconscientemente querendo, percorro por alguns instantes o caminho que costumo fazer quando vou ao supermercado, que está logo ali à frente. A curva acentuada parece brincar de fazer suspense porque, embora eu consiga ver o outro lado da faixa e até mesmo o armazém, estou proibido de enxergar muito além. Preciso continuar andando para descobrir o mistério da grande curva.

E que segredo! De repente, a vista se abre até o horizonte. Do ponto onde estou, confortavelmente sob a sombra fresca de uma grande árvore, me sinto como um navegante quando sai da terra firme e se lança à infinitude do mar. Céu, vegetação, torres e linhas de transmissão se fundem num ponto de fuga para o qual

eu quero ir. De que estou fugindo, afinal? Eu não sei, mas fico instigado a descobrir.

Se os marujos descortinam o mundo pelas águas, este aprendiz de derivante o faz sobre a terra. É difícil marchar sem rumo, por mais bela que seja a caminhada. Mas para alguém metódico como eu, doutrinado a sempre fazer planos de cada passo, perambular é como quebrar regras, é excitante! Uma libertação das próprias amarras cartesianas, com nuances de prudência. Mesmo estando preso fisicamente ao chão, pelos pés que me conduzem, sinto meu espírito tão leve que poderia flutuar também. O ato de caminhar já é, por si só, bálsamo para a alma. Derivar redescobrendo lugares – ou perdendo-se neles? – é terapia intensiva.

Em êxtase, sigo rumo ao infinito e encontro algo familiar. Certa noite, retornando para casa, me deparei com um navio pirata. Pairava ali, bem no meio daquela imensidão, envolto por uma atmosfera fantasmagórica. Sua proa estava voltada para mim, tremeluzindo sob luzes amareladas a perder de vista, alinhadas à sua popa como um rastro de estrelas. Fiquei pensando se o comandante resolvera atracar, aleatoriamente, só pra pousar, ou se fora um cais propositalmente escolhido.

Seriam os piratas capazes de roubar para si os mistérios das paisagens banais? Fato é que o navio estava bem à minha frente, agora. O capitão o havia mudado de lugar, e fiquei pensando nos tesouros escondidos, debaixo de seu convés, que jamais descobrirei quais são. Passo ao lado de seu comprimento, internamente pedindo para ouvir o apito de adeus das grandes





embarcações, mas o barulho que ouço é o do vento dançando entre as folhas de uma pequena árvore próxima. Paro embaixo de sua copa, percorro com os olhos o oceano dos corsários e, coincidência ou não, o mar de terra à minha frente também está poluído. Pontos de entulho cercam, em meia-lua, os arbustos à margem que resistem às opressões humanas. O vento ressoa forte e entendo que é um aviso para prosseguir.

Como se tivesse brotado diante de mim, uma ciclista passa e me cumprimenta. Cumprimento-a de volta e, então, percebo que é a mãe de uma colega de infância, que mora na quadra vizinha à minha. Após o ponto cego da virada, por onde a mulher veio, noto um largo trieiro, decididamente marcado pela rolagem dos pneus de automóveis com quatro rodas, e mergulho minha visão até que atinja a margem oposta. Conduzido por essa pequena estrada de chão, o que encontro do lado de lá me faz sentir como se não estivesse mais na cidade. Várias árvores criam uma barreira, resguardando o interior de uma área cercada, mas ainda assim consigo ver pequenas palmeiras em seu chão de terra. Retorno a visão para o lado de cá e atravesso uma corredeira negra que desce rumo ao mar.

A água faz com que eu deixe pegadas voláteis nos próximos metros. Olho, então, para o ponto do infinito, ainda muito distante de mim, e percebo uma névoa esbranquiçada envolvendo-o em enigmas ondeantes. Finalmente, encontro um pequeno trecho caminhável de calçada. Desde que dobrei a grande curva misteriosa venho navegando pelo asfalto. Os escassos e estreitos passeios que deixei para trás eram uma sucessão de

rampas de diferentes inclinações, que funcionam para o acesso ao portão das casas, mas, definitivamente, não convidam os pedestres. Aproveito a nova textura sob meus sapatos por alguns passos enquanto ladeio os muros altos que me separam do que parece ser uma floresta. A imensidão que tenho dentro de mim se reflete na vastidão do que imagino ao contemplá-la. Atrás do murado, estão muitos pés de manga que, agradavelmente, sombreiam o caminho e presenteiam quem passa com seus frutos, nos últimos meses de cada ano. Recordo que, até pouco tempo, os tijolos davam vez às cercas de madeira e arame. O pequeno trecho da calçada, em concreto, também não existia e, embora ainda haja uma parte em terra batida, pisar continuamente nela era muito mais prazeroso.

Ao calcar novamente o tecido britado, tenho minha atenção capturada por uma aura verdejante, à minha esquerda. Emanada por uma casa simples, os limites do terreno são materializados pela figura vertical dos troncos das várias espécies que moram ali. Em meio a tantas caixas e seus gradeados, a natureza rompe com toda sua valentia e vigor. Incontestável.

\* \* \*

Volto-me para o ponto onde estava antes de ser absorvido pela atmosfera verde e percebo que, no meio das águas, há uma ilha cercada. Ao seu lado, passa uma ponte estreita, conectando uma margem à outra. Embrenho-me na acanhada passagem, aproximando-me vagarosamente do espaço reservado e noto que alguém semeou o amor. O zelo para com os detalhes, da cerca





esculpida à mão até à placa de “proibido jogar lixo”, revela que aquele canto do mundo foi significativo para alguém. Mas a colheita já foi feita, no interior, estão somente os vestígios do afeto plantado.

Chegando ao outro lado da ponte, encontro um senhor catando recicláveis da superfície. Cumprimento-o com um aceno de cabeça, dizendo “bom dia” e ele faz o mesmo. Observo-o por algum tempo, enquanto transforma a ingratidão de alguns em um gesto de cuidado e que, provavelmente, lhe renderá alguns trocados. Ao perceber que ainda estou ali, o cata(lisa)dor me diz que, apesar de situações como aquela, existem pessoas que realmente tratam os espaços livres com dedicação e carinho. Ele me sugere ver como estão bonitas as flores nos limites do córrego, em uma rua próxima dali. Agradeço a sugestão e me dirijo no rumo apontado.


A descida íngreme faz com que eu acelere um pouco o ritmo da caminhada, independente da minha vontade. Mas resistir em passadas lentas é mais cansativo que deixar-se levar pelas formas do mundo. Entrego-me aos seus caprichos e à brisa que me envolve, a cada passo com mais frescor, e, num piscar de olhos, estou sob uma redoma cor-de-rosa. É tão confortável estar ali. Leve, macio, agradável. Parece que o ar está repleto de espirais aromáticas rosadas e a sensação que tenho é de tocar uma toalha felpuda recém-lavada que exala o perfume suave do amaciante. Não quero ir embora. A sombra é bela e prazerosa demais, então, me demoro por instantes que não faço ideia de quanto tempo duram. A ternura que as flores transmitem é a retribuição sincera

da afetuosidade que recebem. O senhor com quem conversei estava certo: ainda existem pessoas que cuidam do mundo como, de fato, ele é - nossa casa.

Quando me sinto pronto para seguir adiante, me despeço silenciosamente do abrigo florido. O Sol está cada vez mais alto, perseguindo meu embaraço de trajetórias hesitantes. Como se fosse puxado pela descida que ainda continua rua à frente, sigo até o final, onde encontro a simplicidade disposta em canteiros que serpenteiam pelo chão. Aqui, diferentemente do verde incontestável que resiste em meio ao casario, ele se faz como um guardião dos bons cultivos humanos: seja a cultura dos alimentos, seja a cultura de valorização e respeito à natureza. A área preservada, imponente, abraça e protege as hortaliças com a eloquência de suas formas.

Maravilhado com a reciprocidade do ambiente, volto à (an)dança conforme são entoadas novas notas vacilantes. Sinto-me convidado a acompanhar, por algumas ruas, os contornos que definem o bairro, sua quietude e mansidão, até que os raios celestes começam a arder em minha pele e sinto que está na hora de regressar. Entro em uma rua paralela à qual descí e encaro o longo tapete preto que me ascenderá de volta às margens da faixa de servidão. O retorno começa a ficar cansativo, os passos se tornam pesados e suplicantes. Ao chegar ao topo, faço o cruzamento de volta por um atalho bem mais largo que a estreita passagem ao lado do cercado. Ofegante, flanqueio uma praça já bem próxima de casa e desacelero um pouco para aproveitar as sombras de suas grandes copas. Bebo a água que resta na garrafa





enquanto meu suor se derrama pelos poros. O mundo também se verte em minha transpiração, pois eu estou imerso nele e ele está impregnado em mim. Inseparáveis.

## 4.2 ALÉM DO INFINITO

Não estou bem hoje. Passei por momentos estressantes, e, felizmente, o dia já está chegando ao fim. Mas este aprendiz ainda precisa fazer uma deriva, pois o ser metódico que habita em mim imaginou uma caminhada para hoje e, com raivas acumuladas ou não, ela vai acontecer. Preparo-me como da última vez e me lanço resoluto ao mundo, sem plano ou destino, sem itinerário e entregue à vontade de meus passos errantes.

Ao sair na rua da minha casa, me dirijo como por instinto para o mesmo caminho que iniciei a última viagem. Começo a ficar preocupado, ao virar pela grande curva misteriosa, se algum dia sairei pelo portão e conseguirei virar para o lado oposto. Hoje, no entanto, percebo que realmente pode ter sido por intuição e que o ato reflexo me fez virar, novamente, à esquerda. O Sol está se pondo e, caso tivesse contornado à direita, teria que caminhar o tempo todo com seus raios ofuscando-me a vista. Sigo, então, com seu calor distante tateando minha nuca.

A grande árvore da esquina, sob a qual contemplei o horizonte, continua sombreando suntuosamente ao seu redor, mas hoje não me detenho embaixo de suas folhas. Ao atravessar o oceano dos corsários furiosamente, tento descarregar toda a energia negativa que se debate dentro de mim. Enquanto isso,

observo ao redor e percebo que gaiolas metálicas sobrenadam, contendo sacos e sacolas de lixo. Seriam despejos feitos pelos piratas que ancoraram por ali? O lugar onde a embarcação se alastrou marca decisivamente a área. Fico intrigado com a ousadia do descarte inapropriado de tudo aquilo que não tem serventia ou apreço, e que os espaços residuais, também marginalizados, tendem a acolher. Chegando ao outro lado da margem, me coloco em marcha contínua e desenfreada, como se aquele ponto do infinito, lá na frente, me puxasse por um desses linhões, à força, que se dirigem e se unem a ele. Nada pode me parar.

Ou quase nada. De repente, me dou conta que estou em frente à antiga casa de minha madrinha. Contemplo suas formas, planos e cores e me atrevo a entrar pelo portão das memórias de minha infância. Sinto o cheiro do almoço de domingo, ouço o latido dos cachorros, as risadas de todos nós reunidos, e pulsa em meu peito a felicidade de estar entre pessoas queridas. Imagino meu padrinho em sua cadeira de rodas, contente por estarmos fazendo a visita, e me recordo que agora nossos encontros somente são possíveis no relicário das reminiscências. Uma cachoeira de lembranças e saudades ameaça derramar pelos olhos, mas o vento me envolve e acolhe, num abraço etéreo.

Um pouco relutante, decido fechar o portão e retomar a caminhada, ainda sentindo pelo corpo uma mistura de nostalgia e angústia. Começo a cantarolar, baixinho, e não consigo mais escutar os gritos que até poucos minutos ressoavam, da ira lutando em meu íntimo. O ringue está vazio. O ambiente ao meu redor parece ler meu estado de espírito e reflete tranquilidade. Ou





sou eu quem está inspirando a serenidade que está à minha volta e reverberando sua placidez em meu corpo? Tudo agora é calma.

Ando lenta e sossegadamente, seguindo as linhas de fuga ao infinito. Estou tão leve, que imagino estar caminhando sobre os fios, assim como um trapezista ao brincar na corda bamba. Ao ouvir o canto de um galo, espontaneamente, me volto para sua direção e percebo que estou em frente àquela área cercada, com sua barreira arbórea, e que visitei da outra vez, à distância. E confirmo: este canto do mundo realmente não parece estar dentro da cidade. A terra, as plantações e as criações o desconectam da vida urbana, como se fosse uma dimensão alcançável somente para quem está nas alturas.

O aumento progressivo do fluxo de pessoas, caminhando, pedalando ou deslocando-se em automóveis, faz com que eu me desequilibre e volte ao chão. Sinto a textura da calçada de pedra sob meus pés e, assim como as horas do dia, avanço. O horário de pico se intensifica e o ronco dos motores interrompe o silêncio. Centelhas brilhantes e estrépitadas de uma serralheria próxima colore o ar, o batuque seco de um assentamento de pedras parece me ditar um novo ritmo, pássaros em revoada vocalizam sons de alegria, enquanto cachorros latem freneticamente querendo apanhá-los. A todo instante, ecoam notas de movimento da partitura da grande dança do mundo.

Meus passos seguem a cadência da batucada que, aos poucos, vai desaparecendo. Ao meu encontro, pela calçada, vêm

dois garotinhos em suas bicicletas e me cumprimentam, sorridentes. Aproveitam a longa extensão do calçamento pelo qual passei, em pedras ou concreto, para se divertirem. À minha frente, no entanto, há uma interrupção no piso rochoso e sou obrigado a descer para a rua, já que a passagem está obstruída com materiais da construção civil. Mas o que me faz desalinhar meu percurso, ao mesmo tempo, me presenteia com um enquadramento que poderia ter passado despercebido, se não fosse pelas linhas tortas. O verde guardião dos bons cultivos parece, daqui uma muralha a escudar a cidade. Aprecio seus contornos indefinidos, o balançar de seus galhos e a gradação de seus matizes, até que o tráfego me obriga a sair do meio da rua e me direciona aos passeios adiantes.

Quando me dou conta, a origem do interminável me alcança. Finalmente, estou unido à fuga do mundo e andando rumo ao encontro do nascimento do horizonte, que vislumbrei sob a grande árvore. De lá, tudo via. Daqui, quase nada enxergo. O astro-rei, com sua luz dourada, parece fazer questão de manter os segredos de além do infinito, ofuscando minha visão e não permitindo que meus olhos desvelem seus mistérios. Entendo que a beleza de um enigma é o significado que cada um atribui ao que ele oculta. Meus poros se encharcam da essência do crepúsculo que se derrama sobre a Terra e me fazem perceber que o infinito, talvez, esteja nessa diluição entre mim e o mundo. Mas, quem sabe, ele não seja também essa distância eterna, sem princípio e nem fim. Imensurável.





### 4.3 GERMINAR DA ESPERANÇA

Um bom tempo se passou desde que fiz a última deriva. Os rastros invisíveis que deixei pelo caminho já devem ter se desfeito em meio à efemeridade do cotidiano, mas as percepções que tive seguem vivas na minha memória. Hoje, diferentemente das outras vezes, saio de casa com um anseio: fazer um registro contínuo, em áudio, dos sons da caminhada. Ainda que sem roteiro previamente definido, quero captar as notas que ecoam de minha andança e o modo como elas se integram à partitura do mundo, adquirindo nuances diferentes a cada passada.

Dou início à aventura com o *rec* no gravador e o primeiro passo. Enquanto driblo o ronco dos motores, reparo que a área como um todo está muito diferente. Ao longo dos últimos três meses, houve plantio em vários trechos e o grande volume de chuvas permitiu o crescimento das mudas. Tem verde novo em todo canto, e testemunho o renascimento contínuo da natureza. Fico contente ao perceber que novos elos estão sendo desenvolvidos entre a comunidade e a faixa residual, refletindo em novas apropriações do espaço com respeito e cuidado.

Volto minha atenção aos sons e percebo o barulho que meus pés calçados produzem ao pisar no asfalto, com variações de intensidade à medida que galgo novos olhares. O farfalhar das folhas pelo vento, ora ligeiro, ora demorado, entrecorta o ruído das solas de meus sapatos no chão. Atravesso a rua e me dirijo para a calçada da casa mais próxima, onde resolvo conferir se está tudo certo com a gravação, mas, para minha surpresa, algo deu errado.

O celular está acusando “memória cheia” e não tem espaço

suficiente para novas mídias. Excluo rapidamente alguns arquivos e recomeço a gravar do ponto onde estou, mas poucos passos depois aparece a mesma mensagem na tela. Repito, mais uma vez, o processo de deletar e recomeçar, mas tenho o mesmo resultado. Percebo, então, que registrar em áudio contínuo toda a caminhada, hoje, não será possível.

Sigo reto, então, pelos passeios adiantes, desgostoso com a situação do gravador, mas volto meus olhos novamente para as transformações pelas quais o espaço vem passando. Enquanto acompanho os canteiros e brotos que formam extensas linhas de vegetação no solo, percebo que estou próximo à Subestação de Energia Elétrica. Deparo-me com um homem, sentado despreocupadamente em uma cadeira de fio na calçada de casa. Imagino que more ali, já que está bebendo algo em um copo de vidro e os portões estão abertos. Paro e o cumprimento dizendo “boa tarde”. O homem responde, simpático, e, então, pergunto a ele se conhece quem está cuidando das plantações no trecho de terra à nossa frente. Ele responde dizendo que se trata de um senhor, muito querido pelos vizinhos, que mora bem próximo, em uma das quadras do lado de cima. Por já ter morado na zona rural anteriormente, gosta de cuidar da lavoura e de ver os frutos de seu trabalho sendo compartilhados entre todos. Como vem por aqui praticamente todos os dias, não é difícil encontrá-lo para pedir por algum de seus cultivos.

Curioso, pergunto ao homem se as novas plantações, em toda a extensão da faixa, são zeladas pelo tal senhor de quem me fala e o morador responde que várias pessoas estão cuidando da





área. Comento com ele sobre como tudo aparenta ter ganhado um novo fôlego, vigor, e como as intervenções de uma única pessoa influenciam na relação que outras podem vir a desenvolver com o espaço. O que já era vasto, sinto que parece ter se ampliado ainda mais com as novas lavouras, e as linhas de transmissão, no alto, é como se tivessem encontrado correspondência no chão com os sulcos dos canteiros. Despeço-me e agradeço por sua atenção, já em direção ao rumo de casa. Caminho mais alguns passos antes de chegar ao ponto do infinito e, quando o alcanço, contorno à esquerda. O regresso é com o Sol já poente e uma brisa leve, que movimenta em ondas douradas o germinar da esperança. Incomparável.

#### 4.4 MELODIA ERRANTE

Ruídos metálicos indicam o manusear das chaves e o abrir e fechar do portão. Com os pés já na calçada, começo mais uma jornada. Dou os primeiros passos rumo ao meu vizinho, sentado em sua cadeira, como costuma fazer aos finais de tarde de domingo. Troco algumas palavras com ele e, pela primeira vez desde que me tornei um aprendiz de derivante, viro à direita. Está ventando bastante e o tempo, nebuloso, me faz crer que logo mais o céu vai desaguar.

À medida que tateio com os pés as rugas do mundo, sinto suas gradações também em meus ouvidos. Desta vez, meus chinelos são os instrumentos de percussão. A areia, a brita e as pequenas pedrinhas soltas geram estalidos enquanto componho a

melodia errante. O rumor que acompanha o vulto dos automóveis, que aceleram e freiam ao meu lado, também se incorpora ao ritmo de minhas passadas. A cada metro, tento aguçar ainda mais minha audição e percebo que meus calçados emitem sons ora estridentes, ora quase mudos, a cada textura pela qual passo.

A cadência de meu andar se perde e se restabelece de acordo com os obstáculos do caminho. Enquanto isso, cortam o ar conversas aleatórias de outras pessoas, músicas distantes, o latir dos cachorros e o cantar dos pássaros. Gravetos que se quebram me assustam com seus estampidos, e folhas secas crepitam sob meus pés, tamborilando em meus ouvidos.

Com a respiração já ofegante, volto à rua de casa, onde converso rápida e novamente com meu vizinho. As chaves retinem em minhas mãos e o baque metálico encerra o portão. Desligo o gravador, satisfeito por ter conseguido captar a experiência direta em áudio contínuo. Somente a canção urbana.

#### 4.5 MAR REVOLTO

Ao primeiro olhar que lanço adiante, ainda na rua onde moro, já consigo perceber que mudanças significativas aconteceram por ali recentemente. De longe, identifico certo rebuliço, como se o mar estivesse revolto. Apresso-me, ansioso, e noto que a esperança vai germinar por esses lados também, muito em breve, provavelmente. O caos de hoje é o início do preparo para receber as sementes do amanhã. Animado pela sementeira que antevejo, dobro à direita.





Apesar dos matizes cinzentos que (des)colorem o firmamento, o astro-rei não se furta e lança seus raios quase invisíveis que fazem arder minha pele. Imediatamente, meus olhos buscam algum refúgio e, felizmente, enxergo um oásis em meio ao alvoroço para onde meus passos hesitantes seguem.

Aqui, a sombra das árvores, o respaldo maciço dos arbustos e as gramíneas copiosas criam um recanto fresco e tranquilo no qual me deixo imergir. Uma sensação de aconchego e proteção percorre meu corpo e me sinto agradecido por conseguir me esconder da luz ardente do farol de fogo. À medida que teço percursos visuais à minha volta, inesperadamente, tenho vontade de sentir o pulso do mundo. Nesse momento, as linhas tortas do caminhar passam a criar desenhos espontâneos por onde ando enquanto me conecto ainda mais profundamente com o espaço.

Começo, então, a tocar a vegetação rasteira, que faz cócegas em meus pés. Com cuidado, sinto com as palmas das mãos as folhas que me acolhem, os caules fortes e ásperos que as sustentam e me embrenho cada vez mais nesse abrigo sinuoso. À medida que experiencio o pequeno bosque, nitidamente zelado por alguém, descubro outras espécies vegetais, desde mudas em desenvolvimento e pequenos arbustos a árvores grandes que sombreiam e dão corpo ao conjunto. Desvendo novas tonalidades e cores, tateio variadas texturas, formas, folhas, flores e frutos, até que um pássaro percebe meus movimentos e se coloca com prontidão em um galho próximo, impassível. Entendo sua postura de guardião e não me atrevo a desafiá-lo. Enquanto emite sons ameaçadores, marcando seu território, vou me esgueirando

pelos cantos até sair das entranhas verdes e pisar novamente no tapete de asfalto. Sinto como se estivesse despertando de um devaneio, esquecido sob as torres do linhão de força.

Um mormaço impiedoso me envolve e o suor não tarda a encharcar meus poros. Tento ao máximo apertar o passo, à procura de outro abrigo, numa marcha que suplica a cada batida dos chinelos. Sem dúvidas, preciso de mais um respiro antes de mirar o rumo de casa.

#### 4.6 PEQUENOS MISTÉRIOS

O dia já está indo, logo mais a luz dourada, que por ora se derrama sobre tudo, dará lugar ao brilho prateado da Lua. Começo a andança de hoje nessa transição de matizes e corpos celestes. E, assim como a luz atravessa o Universo, sinto-me disposto a atravessar o espaço onde estou e me fazer um só junto a ele.

Ainda não muito distante da minha casa, ladeio a faixa de servidão por alguns metros enquanto percebo como as novas plantações estão crescidas. O germinar da esperança, agora, se tornou uma extensa colcha macia e felpuda, que repousa gentilmente sobre o chão e com a qual eu quero me envolver, me cobrir. Adentro a área de cultivos e, espontaneamente, me abaixo para ficar da mesma altura que as folhas. Meus olhos se perdem em meio a tantas ramificações verdes e capins arrepiados.

Com calma, movimento-me pelos interstícios e descubro pequenas existências. Formigas, pedriscos e gravetos se mesclam





à vegetação rasteira, salpicados por alguns cacos de vidro e piso cerâmico. Cuidadosamente, começo a recolher os fragmentos e, como quem monta um quebra-cabeças, os reúno lado a lado. A luz do Sol os atinge e eles cintilam como uma constelação de estrelas. Ergo-me para ajeitar a coluna e, ainda dentro do campo, dou alguns passos adiante.

A lavoura ao meu redor já não é mais a mesma, no entanto, me sinto convidado a abaixar novamente para desvelar os pequenos mistérios. Aqui, a forração espontânea que nasce se entremeia a capins e folhas secas que, pouco a pouco, se desmancham em pó. A alguns metros, um tronco velho e retorcido parece se esconder da trama viva que se alastra por ali, mas as minúsculas folhas já estão brotando ao seu redor. Sorrio com o seu esforço ingênuo até que uma fenda no chão me desperta a curiosidade. Minha tentativa de aproximação, no entanto, logo é frustrada, pois uma fina camada de cascalho se interpunha entre meus olhos e a fenda. Imagino que seja a toca de algum animal ou, quem sabe, alguém enterrou uma preciosidade. Estaria escondido ali um tesouro? Com tantas possibilidades de resposta, tenho receio de colocar a mão e resolvo me levantar.

Ainda curioso, mas tomado por certa dose de medo, me afasto e deixo a ranhura para trás, disposto a ir embora para casa. A Lua surge tímida no telhado do mundo, que mais parece uma pintura em tons de azul, amarelo e rosa. Sublime.

## 4.7 BREJOS E CERCAS

A manhã de domingo já começou quente, o verão castiga. Assim que dou início à caminhada, meu corpo pede por algum abrigo. Recordo-me do dia em que encontrei um oásis em meio ao rebuliço da terra e, nesse instante, meu corpo se vê contrariado pela intenção da deriva e deseja profundamente ser acolhido de novo pelas sombras do caminho.

Ao virar à esquerda e desenhar com os passos a curva misteriosa, paro um pouco sob uma grande árvore na esquina e contemplo, longínquo, o ponto do infinito. Com as novas lavouras, a perspectiva não se perdeu, mas o amplo céu não mais assenta sobre o chão como antes, na linha rasteira do horizonte. Agora, as folhas das plantações se entrelaçam nas nuvens, assim como suas raízes na terra.

Saio debaixo da frondosa copa e mergulho outra vez na luz escaldante até pousar em outra parada. Como uma criança que brinca em zigue-zague, cato as sombras do caminho. A cada pouso, observo as grandes folhas que me cobrem, refrescam e me protegem contra o forte Sol. Os galhos emolduram a faixa de servidão, à minha frente, como uma fotografia recém-tirada. Com os olhos, faço travessias de um lado ao outro dessa imagem e encontro uma área brejosa bem próxima de onde estou.

Curioso, enfrento novamente o calor e vou até ela. Ao pisar no chão encharcado e me ver rodeado por capins médios e altos, sinto-me à beira de um rio, prestes ao mergulho. Mas, ao que parece, alguém já previu os devaneios que o trecho pode causar e,





por segurança, uma pequena cerca impede a chegada ao brejo. Aos meus olhos, a cerca diz: “Perigo: não se aproxime!” e isso me faz imaginar quais seriam os perigos que poderiam ser encontrados ali. De crocodilos ferozes e cobras peçonhentas a aranhas e insetos venenosos, percorro em instantes labirintos na mente, encarando intrigado a água parada à minha frente, até que desperto e me despeço dali.

#### 4.8 AROMAS DE DOMINGO

Encontro-me imerso em plantações no linhão. No trecho próximo à casa de um morador com quem conversei outro dia, várias espécies compõem o cenário, conferindo um aspecto misto de lavoura e horta. Estou mais próximo das hortaliças e é nítido o zelo do senhor para com o lugar. Embora alguns canteiros ainda estejam em construção, consigo vislumbrar, desde já, os brotos do futuro. Enquanto vagueio entre os cultivos, colho uma folha ou outra e levo ao nariz. Os aromas me remetem aos almoços em família, e ouço por dentro vozes e risadas em domingos quaisquer. A boca enche d’água e mergulho em delícias ao lembrar dos almoços aos domingos, e várias outras lembranças de momentos únicos ao redor da mesa me vêm à tona, e me sinto aquecido em instantes tirados da gaveta.

#### 4.9 TRAVESSIA NO TÚNEL

Imersas no cotidiano, pessoas caminham indiferentes às bordas do linhão. Passo a reparar nos movimentos de algumas delas, à medida que atravesso as ambiências dos terrenos baldios.

Do lado de cá, um senhor está regando alguns canteiros e arrancando com as mãos ervas daninhas. Ao meu lado, passa uma mulher apressada, cabisbaixa. Um pouco mais adiante, um outro senhor, de mais idade, caminha a passos lentos, contornando o desenho da faixa e observando os cultivos. Olho para a mesma direção e percebo que está fitando o que antes era a grande colcha macia e felpuda sob a qual a terra descansava. Agora, são plantações mais altas e que impedem, em certa medida, que eu veja o que acontece do outro lado das torres. Noto uma passagem espremida entre as folhas que me desperta o interesse.

Lanço-me em meio ao que parece um túnel para fazer minha travessia. Apesar de apertado, consigo me deslocar, e as lavouras que crescem em ambos os lados do que um dia foi um trieiro espaçoso, me acolhem gentilmente em suas entranhas. Sinto algumas folhas roçando minha pele, a terra batida sob meus pés, ouço o vento brincando por entre os galhos e as minhas pupilas se dilatam à meia-luz que penetra, sorrateiramente. Ao sair dali topo com mais pessoas caminhando, mas não as acompanho. Contenho-me a admirar o lusco-fusco resplandecer sobre a folhagem do milharal.





#### 4.10 FITAS DANÇANTES

Ao sair de casa e trocar os primeiros passos em direção à faixa residual, ainda indeciso sobre para qual lado virar ao chegar na esquina, um cachorro passa bem próximo a mim e se vai, decidido, para o meio das plantações sob o linhão de força. Resolvo dobrar à esquerda e segui-lo, a fim de descobrir o que desperta sua atenção. Ao chegar mais perto, percebo o pequeno ser revirando alguns sacos de lixo. Reparo, então, que aquela pequena clareira, onde estão os despejos, um dia fez parte de todo aquele alvoroço que imaginei ser um mar revolto. Internamente, lamento a situação, mas as sementes que germinaram e formam um grande manto à minha frente recompensam a frustração. Vida nova brotou por aqui, e logo mais dará seus frutos.

Desejo sorte ao cachorro em suas buscas e sigo adiante. Caminho pelas bordas da faixa sobre amontoados de capim seco, que se estendem a perder de vista como um grande tapete fofo. É prazeroso pisar aqui e meus pés se rendem à maciez do chão. Como ainda é bem cedo, o Sol se faz amigo, e me demoro mais entre uma passada e outra, me permitindo desfrutar e deixar ser levado por essa sensação. Enquanto isso, observo as esguias folhas, de verde muito vivo das plantações ao meu lado, balançarem com o vento, em fitas dançantes. Elas sobem, descem, se retorcem e distorcem com fluidez e graça. Admiro a coreografia de suas formas e sinto que também estou entrando na dança com passos sem rumo.



5

Andanças  
*Processo de Criação*





Ao longo das caminhadas e da elaboração dos registros textuais, apresentou-se o interesse pela elaboração de um material gráfico, com o intuito de expressar as potencialidades reconhecidas na faixa residual a partir das experimentações sensíveis. Com o manuseio das imagens produzidas, percepções apreendidas, captação de fotografias e sons, desenvolvimento de relatos e o entendimento de características particulares da faixa de servidão, o formato desse material gráfico e a linguagem a ser adotada passaram a ser experimentados e reconhecidos, pouco a pouco. Nesse sentido, optou-se pela seleção de **imagens fotográficas** e pelo estudo dos efeitos provocados por sua reunião, em montagem, o que permitiu o teste de diferentes composições. Para isso, foi necessária a realização de dois processos de curadoria, descritos a seguir.

Em um primeiro momento, as fotografias foram selecionadas segundo **afinidades temáticas**. Foi realizado um *brainstorming* de palavras antagônicas, que representavam particularidades percebidas na área residual, e, em seguida, foram definidos oito temas que sintetizavam as principais ideias dessa nuvem de palavras duais. Assim, a primeira etapa resultou na escolha e separação das fotos de acordo com os oito assuntos gerais: acolhimento, descuido, escala, habitantes, jardins, meio-tempo, plantações e “trieiros”.


Posteriormente, deu-se início ao segundo processo de curadoria, que teve como suporte a ideia de **constelação de imagens**, de Aby Warburg (2009), historiador de arte alemão. Por meio de afinidades subentendidas às imagens, e que não

necessariamente se estabelecem a partir da localização geográfica onde foram capturadas pela câmera, a constelação de imagens tem por objetivo criar narrativas visuais diversas, neste caso, dos linhões de força de Itumbiara. Sendo assim, a segunda etapa aconteceu conforme foram tecidos os encadeamentos visuais e sensíveis entre as fotos (selecionadas por temas, na fase anterior) e, ao mesmo tempo, o então grupo seletivo de imagens foi alterado, de forma a tornar o número de fotografias escolhidas (50, no total) manuseável graficamente. Enquanto isso, o formato do material, ainda indeterminado, foi sendo estudado e discutido.

Inicialmente, cogitou-se algo próximo a um catálogo, zine ou guia inconcluso dos espaços enfeitados de Itumbiara. Entretanto, as ideias de catálogo e guia perderam força à medida que as discussões avançavam e os objetivos do material gráfico foram melhor definidos. Essas duas tipologias de publicações foram descartadas pois ambas visam, sobretudo, uma ordenação que não reflète a liberdade das áreas residuais e que poderia restringir algumas ações das pessoas ao sugerir leituras lineares ou induzir condutas limitantes no local. A multiplicidade dos sentidos de leitura suscitava a experimentação de um material dobrável em diferentes sentidos e passível de diferentes composições a critério do “leitor”.

Por outro lado, percebeu-se que as **zines** expressam melhor as particularidades da faixa de servidão. Elas são **autopublicações**, de **organização mais livre**, e não possuem um formato ou qualquer padrão para serem produzidas. Carregam consigo as **marcas das manufaturas**, de **obras inacabadas** – à maneira dos relatos das





derivas – e podem ter sua matriz digitalizada e xerocada posteriormente para sua **reprodução** e disseminação em larga escala e a baixo custo. São muito utilizadas por movimentos de contracultura como ferramentas de comunicação e resistência<sup>13</sup>.

Ainda em discussão, ventilou-se a possibilidade do material gráfico ter semelhanças com um **livro de artista**. Por apresentarem características muito **artesanais** e voltadas a **experimentações diversas**, os livros de artista são, geralmente, publicações únicas e que dificultam grandes tiragens, sendo o próprio livro a obra em si. As relações de **materialidade**, textos, imagens e demais aspectos estéticos são fundamentais para sua compreensão, não se tratando, portanto, de um livro convencional<sup>14</sup>.

Dentro desse contexto, entendeu-se que o projeto gráfico não necessariamente precisava ser classificado segundo tipologias preestabelecidas, mas que seria interessante que ele transitasse entre as **características gerais de zine e de livro de artista**, de modo a apresentar uma mistura de aspectos das duas formas de publicação.

Determinados, então, o conteúdo, as intenções e os procedimentos de elaboração, a organização a ser assumida também passou por etapas de desenvolvimento até a sua

---

<sup>13</sup> Informações obtidas no site A Estranhamente - O que é um zine e porque você deve ficar de olho nele? Disponível em: <<https://aestranhamente.com/o-que-e-um-zine-e-porque-voce-deve-ficar-de-olho/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

<sup>14</sup> Informações obtidas no site Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira - Livro de artista. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

definição. Com o intuito de proporcionar ao usuário do livro uma experiência mais livre e interativa, foram buscadas maneiras de garantir diferentes possibilidades de leitura do discurso por imagens. A **não linearidade narrativa** foi assumida como critério orientador nessa fase de criação e, portanto, deveria ser refletida na organização do material.

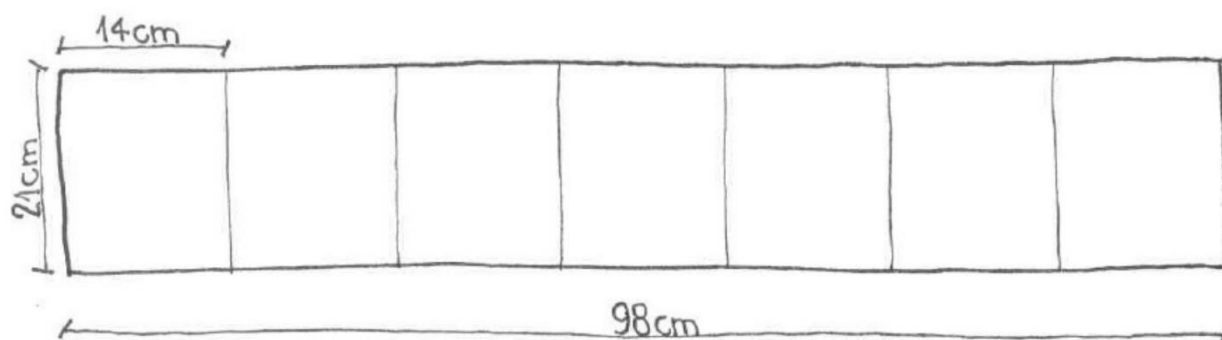
Como tentativa de apresentar a constelação de imagens em um formato que tivesse relações com as formas transitórias da faixa de servidão, surgiu a ideia de dispor as fotografias em uma grande **fita**, utilizando-a frente e verso. Essa forma foi concebida como se fosse um varal de fotos, no qual as pessoas pudessem “derivar” pela combinação proposta e nela intervir, de modo a criar trajetórias próprias de leituras e interpretações, diferentes percursos pelo olhar. Pensando na proporção dessa fita em relação ao corpo humano, seu comprimento ideal não poderia ultrapassar 1 m, para que uma pessoa sozinha conseguisse segurá-la completamente aberta com as duas mãos, de uma ponta à outra, sem grandes esforços. Por outro lado, pensando em formas de fechá-la, percebeu-se que seria interessante dobrá-la várias vezes, em sequências regulares de espaçamento entre uma dobra e outra, até que seu tamanho fosse reduzido e se tornasse confortável para ser carregada, guardada e, eventualmente, esquecida em algum canto, à espera de novos leitores.

Nesse sentido, dividiu-se o comprimento total em 7 partes iguais, resultando em 14 “páginas” ou “quadros” (contando a frente e o verso da fita), de 14 cm de largura cada. Propositalmente, não foram numerados, a fim de não propor um início e um fim



para a fita, haja vista seu caráter flexível, tanto físico quanto interpretativo. Com essa configuração, o **comprimento** total foi ajustado para **98 cm**, com **largura de 21 cm** (Figura 19).

**Figura 19** - Esquema de “Andanças”



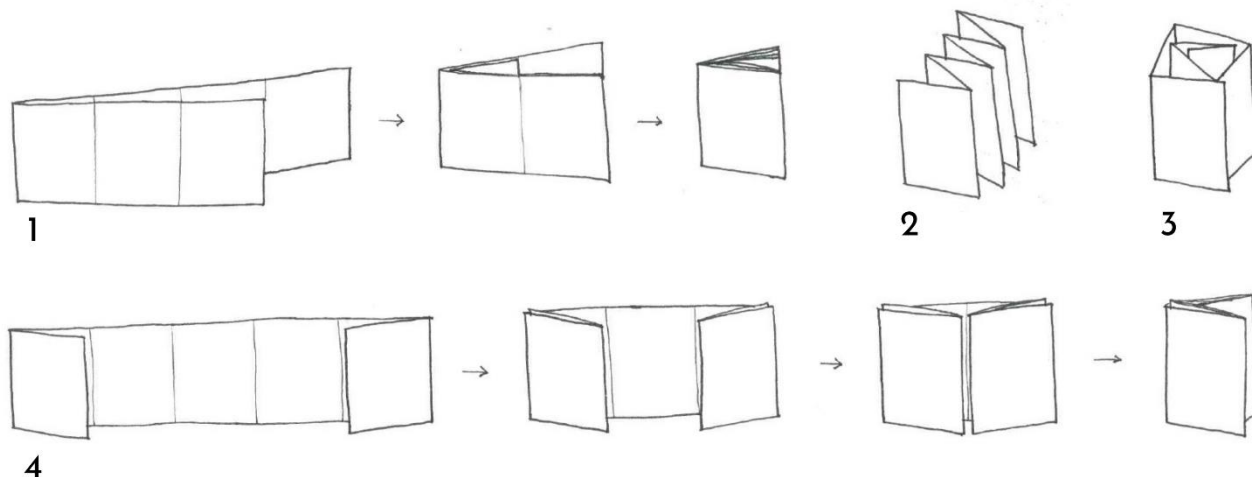
Fonte: Elaborado pelo autor (2022). Sem escala.

Com essas especificações definidas, prosseguiu-se a realização de testes de montagem com as fotografias e elaboração de protótipos. Utilizando-se papel sulfite, o primeiro modelo feito, em escala reduzida (1:3, aproximadamente), mostrou que a ideia da fita dobrada em sete partes respondia com interesse à proposta. Além disso, percebeu-se que a fita poderia ser dobrada de quatro formas básicas diferentes: (1) uma sucessão de dobras simples, (2) dobra tipo sanfona ou zigue-zague, (3) dobra tipo enrolada e (4) dobra tipo janela<sup>15</sup> (Figura 20) e também a partir de diferentes combinações entre elas, oferecendo oportunidade ao leitor de reorganizar as imagens em constelações variadas. Essa **variedade de dobras** possibilitou, então, ampliar a quantidade de leituras possíveis do linhão de força, uma vez que, ao manusear o livro, de acordo com as interações de cada pessoa, novos

<sup>15</sup> Informações obtidas no site Blog KWG - Tipos de dobras: conheça os 8 principais e aprenda a usá-los. Disponível em: <<https://blog.revendakwg.com.br/destaque/tipos-de-dobras-conheca-os-8-principais/>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

rearranjos podem ser feitos e, simultaneamente, diferentes narrativas visuais são criadas.


Figura 20 - Formas Básicas de Dobras



Fonte: Elaborado pelo autor (2022). Sem escala.

Tendo em vista essas considerações, a **montagem** propriamente dita começou a ser feita digitalmente, combinando conteúdo (constelação de fotografias) e suporte (“fita”). Apesar de ter ajudado na diversificação das dimensões das fotos, o meio digital não se mostrou a melhor alternativa para a atividade, pois existia um distanciamento em relação ao manuseio do material, que travava, de certo modo, o processo criativo. Nesse sentido, voltou-se à produção de testes com modelos físicos, mas desta vez, em tamanho real.

Neste momento, a **materialidade** ganhou destaque e as experimentações que se sucederam, com outros tipos de papel, fotos impressas, diferentes tipos de colas e fitas adesivas, tintas e marcadores, foram essenciais para a construção de um material gráfico que conseguisse dialogar com a experiência estética das linhas de transmissão. A **presença do corpo em contato direto com os materiais** possibilitou alcançar resultados variados ao longo do

A vertical aerial photograph of a city grid, showing a river on the left and a path or road running through the center. The image is faded and serves as a background for the text.

processo, até que foram definidos elementos e combinações para compor a linguagem visual.

O **papel pardo**, comumente vendido a rolo, portanto, sem a necessidade de emendas, foi o melhor para a finalidade em questão, tanto do ponto de vista de sua gramatura, quanto de sua textura por, respectivamente, conferir rigidez e instigar o manuseio, tornando a experiência tátil mais aguçada (Figura 21).

A impressão das **fotografias em preto e branco** se deu a fim de contrastar com o fundo da fita e ajudar na disseminação do material em grande escala com baixos custos de reprodutibilidade (Figura 22). Compõem o livro, ainda, **4 imagens aéreas do linhão de força** com a sobreposição, em tracejado, de todos os percursos realizados durante as derivas. Um **QR Code**<sup>16</sup> também está afixado, o qual direciona o leitor para um canal do YouTube onde estão disponíveis a “Melodia Errante”, áudio captado durante uma das derivas, e um vídeo demonstrativo de manuseio do material. Todos os papéis foram cortados com o intuito de deixar os resíduos do processo de corte.

A **fita crepe**, por sua vez, foi rasgada com as mãos e, dentre as alternativas de fixação testadas, foi a que melhor se adaptou visualmente ao conjunto. Além disso, ampliou as possibilidades de experimentação do livro, uma vez que as imagens podem ser facilmente descoladas e reorganizadas no modelo. Estão presentes também duas “molduras”, que sugerem a possibilidade

---

<sup>16</sup> O acesso também pode ser feito utilizando o seguinte link: <<https://www.youtube.com/channel/UCUCLfeSrSEARhW3xsN7uXjQ>>.

de adição de novas imagens durante as interações ou até mesmo que podem se tornar novos espaços vazios na composição.

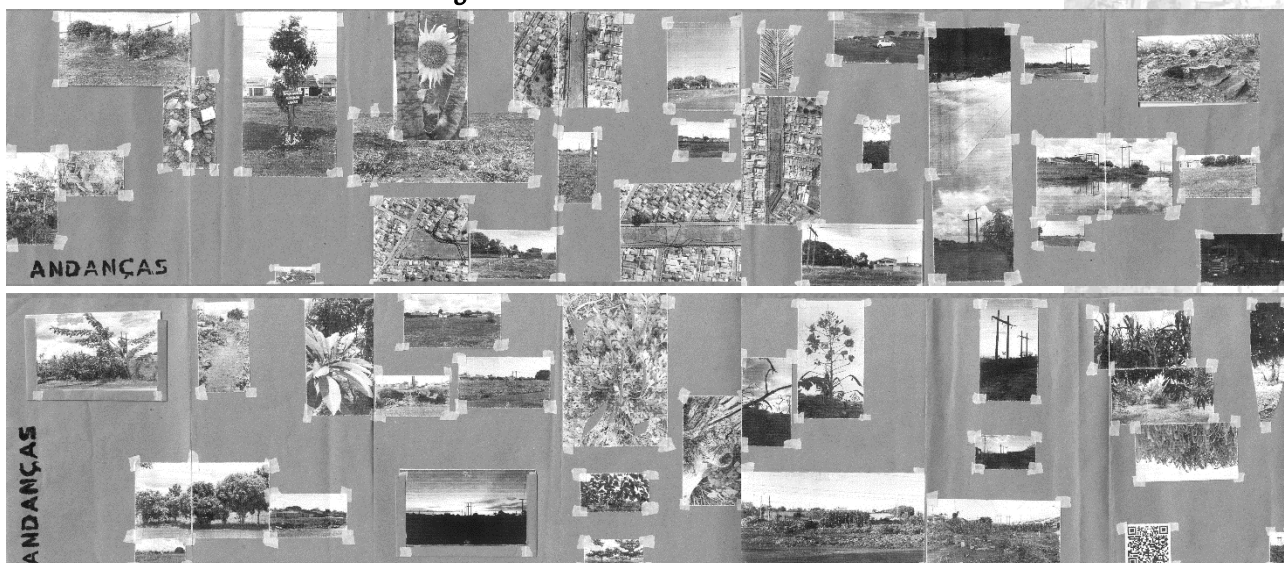
A inscrição do título com tinta preta, nas duas faces da fita, utilizando a técnica de **stencil**, surgiu como forma de levar o imprevisto da produção à tipografia. A palavra “**Andanças**” remete, ambigualmente, tanto às derivas realizadas, como aos vários percursos visuais que o leitor pode realizar ao interagir e reconstelar as imagens, à medida que dobra e desdobra a fita.

**Figura 21** - Modelo em Papel Pardo



Fonte: Digitalização elaborada pelo autor (2022). Sem escala.

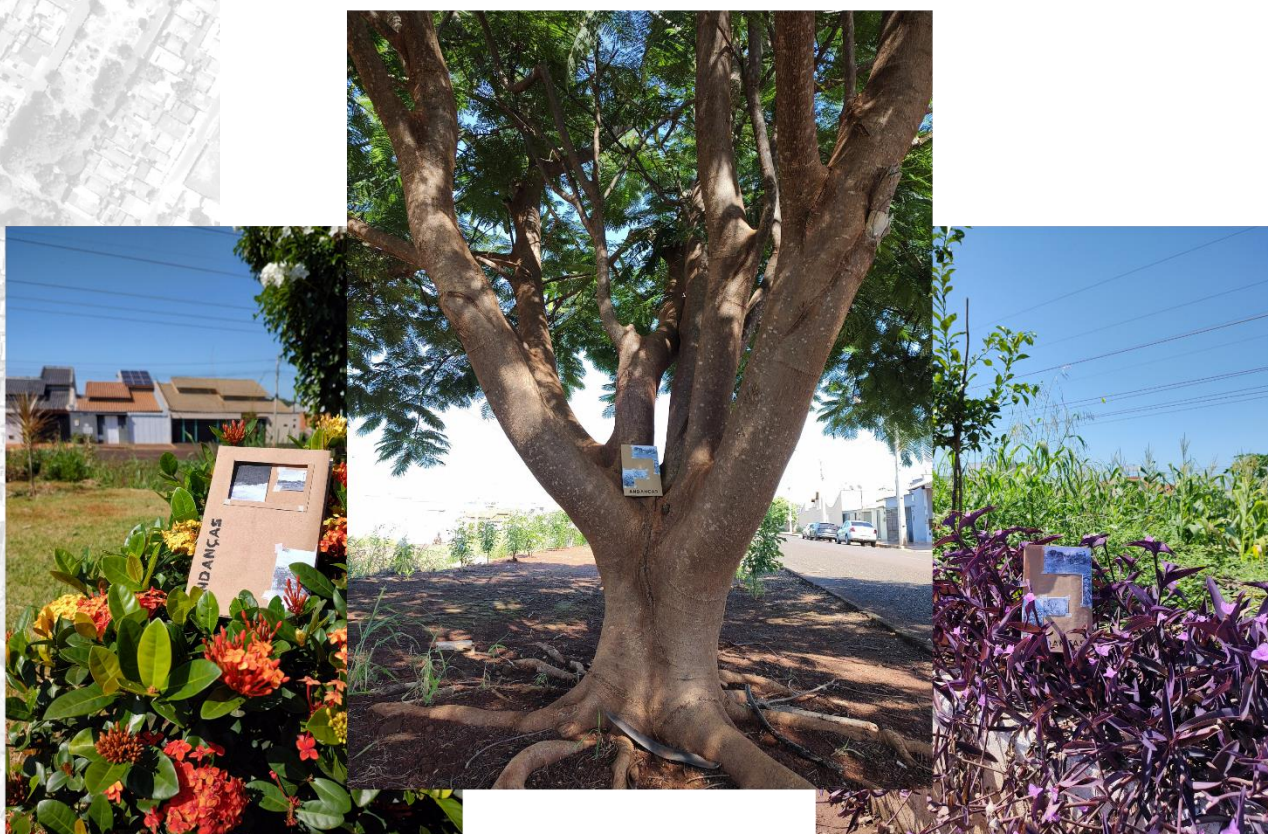
**Figura 22** - Modelo em Preto e Branco



Fonte: Digitalização elaborada pelo autor (2022). Sem escala.

A proposta final não apresenta acabamentos finais, podendo gerar alguns estranhamentos ao leitor, assim como as áreas residuais não são um produto ou mercadoria, mas resíduos da produção do meio urbano. Nesse sentido, o material procura não esconder as marcas da manufatura e de confirmar o seu **caráter provisório e inacabado**, um livro desconstruído. Além disso, não se propõe a ser uma experiência dada, completamente pronta, mas, por outro lado, espera-se que as possibilidades de experimentação do material sejam exploradas ao máximo, colocando o **corpo em contato com a fita** e conferindo, a quem o manusear, a autonomia e o protagonismo de sua própria experiência (Figura 23).

**Figura 23** - À Espera de Novas Experiências



Fonte: Trabalho gráfico elaborado pelo autor (2022).

E nesse ponto é que se faz pertinente mencionar o que o filósofo e historiador da arte francês, Georges Didi-Huberman, afirma sobre a legibilidade das imagens e as reações que elas podem causar ao serem olhadas. Segundo o autor, uma verdadeira experiência fotográfica acontece quando as imagens não se deixam ser lidas previamente, mas sim a partir de um exercício de renovação crítica diante do incomum, do estranho:

primeiro suporá suspense, a mudez provisória ante um objeto visual que o deixa desconcertado, despossuído de sua capacidade de lhe dar sentido, inclusive para descrevê-lo; [...] [para] depois renovar nossa linguagem, e, portanto, nosso pensamento. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 216)

Nessa perspectiva, destaca-se que “Andanças” não visa à apresentação objetiva da faixa de servidão, assim como o “Diário de Caminhadas”, tampouco busca se tornar uma ferramenta de controle. Devido ao seu potencial, de fruição ativa e de comunicação, anseia-se que o material seja apresentado e discutido junto à comunidade itumbiareense (associações de bairro, escolas e universidades, órgãos da gestão pública municipal, dentre outros locais), como uma **ferramenta de provocação** a novos olhares e de **conscientização** dos moradores, instigando a discussão das imagens e demonstrando os **potenciais latentes da faixa de servidão**. Além disso, espera-se que se torne um fomento às práticas não regulamentadas de espaço e que incentive a comunidade local a perder-se na cidade, resignificando lugares, por meio de **derivas** e **novas apropriações**.





É importante ressaltar, ainda, que, ao ser disseminado para a população, o material gráfico elaborado se tornará também veículo de divulgação dos resultados das experiências às quais esta pesquisa se propõe, contribuindo com **novos estudos das áreas residuais** e conferindo **visibilidade aos espaços indefinidos** que, frequentemente, são desprezados ou enfeitados.

Levando-se em consideração as etapas do processo criativo de “Andanças”, descritas neste capítulo, agora convido você, leitor ou leitora, a experimentar o manuseio da fita e a criar suas próprias narrativas visuais da faixa de servidão, interagindo com o Anexo A (p. 148). Por se tratar de uma **experiência digital** e, portanto, diferente do manuseio do modelo físico, recomenda-se que o zoom seja ajustado no leitor de arquivos em PDF em 100% ou que seja definida a “visualização em tamanho real”.





# Considerações Finais

Levando-se em conta os autores discutidos ao longo de todo o trabalho, bem como os principais conceitos (áreas residuais, paisagens banais, experiência direta e práticas cotidianas de espaço) estudados e relacionados gradualmente com a faixa de servidão de Itumbiara, é possível reconhecer nas áreas enfeitadas oportunidades latentes de transformação do cotidiano. O olhar à deriva comprova-se como método capaz de atribuir novos significados, por meio da imaginação poética, e de captar através de sensações e percepções as atmosferas que envolvem o ser enquanto caminha, conforme ressaltado nos estudos de caso e nas imagens textuais e fotográficas dos registros. Desse modo, reconhece-se também a experiência direta, tanto como uma forma de identificação dessas potencialidades, pouco evidentes ou ocultas, quanto propiciadora de conexões sensíveis do eu com o mundo que, a partir desses elos, é capaz de transformar o espaço.

Nesse sentido, espera-se que os dados sensíveis registrados a partir da imersão corpórea contribuam com o campo da Arquitetura e do Urbanismo, com outras pesquisas sobre áreas residuais, instiguem apropriações de caráter cultural e artístico e sejam suporte para futuras intervenções e práticas projetuais, em específico, na faixa de servidão de Itumbiara. Além disso, anseia-se que a leitura urbana poética do “Diário de Caminhadas” e da montagem visual “Andanças” se torne um convite à comunidade itumbiareense a discussões sobre o potencial dos espaços banais e

a experimentações sensíveis do linhão de força, que podem resultar em construções coletivas do espaço.







# Referências

ALMEIDA NETO, Sidney Pereira de. **Itumbiara**, um século e meio de história. Itumbiara, GO: Terra, 1997.

ANDRADE, Carlos Roberto M. de. À deriva - Introdução aos situacionistas. Campinas: **Revista Oculum**, PUC-CAMPINAS - n. 4, 1993, p. 16 - 19.

ARTUR Barrio. *In*: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa47/artur-barrio>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: Exercícios de paisagem. Trad. Annie Cambe. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística, n. 19, p. 20 - 28, jan./fev./mar./abr. 2002. Trad. João Wanderley Geraldi. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

CABRAL, Arthur Simões Caetano. **A realidade sensível da natureza nos espaços irresolutos de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11012018-121213/pt-br.php>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. Caminhar, descobrir, projetar: Reflexões sobre a deriva e o fazer projetual em paisagismo. **Revista Jatobá**, Goiânia, v. 2, e-63426, ISSN: 2675-11, p. 1 - 26, 2020a. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revjat/article/view/63626>>. Acesso em: 18 out. 2021.

..... **CHÃO DE ESTRELAS**: uma constelação de imagens dos vãos de São Paulo. Trabalho apresentado ao Colóquio Internacional: Imaginário: Construir e Habitar a Terra, 2021, Saint-Étienne. 1 vídeo (6 min). YouTube, abr. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nIcqNss4aBM>>. Acesso em: 27 jan. 2022.

..... **Uma poética dos interstícios urbanos**: paisagens possíveis nas entrelinhas da cidade. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020b. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-13032020-102645/pt-br.php>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível** - *Art for a sensitive city*. 1ª ed. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015. v. 1.

CARERI, Francesco. Entrevista. [Entrevista concedida a] Paola Berenstein Jacques. **Redobra**, Bahia, n. 11, ano 4, ISSN: 2238-3794, p. 8 - 19, 2013b. Disponível em: <[http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11\\_02.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_02.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2022.

..... **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Gustavo Gili, 2013a.

CASSE-NOIX. *In: Collections Isère*. Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/ecfdecf2-f13e-4c4c-8904-cobfa27f278b?pageId=05e668f3-6075-4e94-b2ef-8d0f68d5ab8b&pos=108>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, 1: artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CRUCHE. *In: Collections Isère*. Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/44c63253-d6c2-4eb3-8dad-a8092650b4f6?pageId=00846edb-d1ce-438c-a1dc-9fb4e26e8a5a&pos=15>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CUIDADOS com linhas de transmissão. *In: Eletrobras Furnas*. Disponível em: <<https://www.furnas.com.br/subsecao/276>>. Acesso em: 17 out. 2021.

DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. **Revista Internacional Situacionista**, n. 2, dez. 1958. Trad. Membros do Gunh Anopetil. *In*: Biblioteca Anarquista. Disponível em: <<https://bibliotecaanarquista.org/library/guy-debord-teoria-da-deriva>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454/12311>>. Acesso em: 22 fev. 2022.

DONADON, Edilene Teresinha. **“Terrain Vagues”**: um estudo das áreas urbanas obsoletas, baldias ou derrelitas em Campinas. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/258203>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

FARIA, Priscilla Menezes de. Encobrimento e errância: Experiências do abandono de si na arte contemporânea. *In*: **Pelas Vias da Dúvida**, Rio de Janeiro, nov. 2012. Disponível em: <<https://pelasviasdaduvida2.files.wordpress.com/2012/11/priscilla-menezes-de-faria-encobrimento-e-errancia-experic3aancias-do-abandono-de-si-na-arte-contempor3a2nea.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

GANZ, Louise. Lotes Vagos nas Cidades: proposições para uso livre. *In*: SILVA, Breno; GANZ, Louise. **Lotes Vagos** - ocupações experimentais. 1ª ed. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas ICC, 2009. p. 7 - 22; 69; 71 e 77. Disponível em: <[https://desarquivo.org/sites/default/files/lotessvagos.\\_breno\\_silva\\_e\\_louise\\_gans.pdf](https://desarquivo.org/sites/default/files/lotessvagos._breno_silva_e_louise_gans.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2022.

GONÇALVES, Glauco Roberto. A deriva e a psicogeografia e suas possibilidades para os trabalhos de campo em Geografia Urbana. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 13, n. 3, ISSN: 1982-1956, p. 100 - 111, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/58750/34210>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

GRÁFICA KWG. Tipos de dobras: conheça os 8 principais e aprenda a usá-los. *In*: **Blog KWG**, 28 maio 2018. Disponível em: <<https://blog.revendakwg.com.br/destaque/tipos-de-dobras-conheca-os-8-principais/>>. Acesso em: 24 mar. 2022.

HACHE à talon. *In: Collections Isère*. Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/0c4ca380-99aa-404d-9e7f-8boe7eod5467?pageId=00846edb-d1ce-438c-a1dc-9fb4e26e8a5a&pos=3>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Itumbiara: Panorama Geral**. *In: IBGE Cidades*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/itumbiara/panorama>>. Acesso em: 05 out. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia: prolegômenos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LIVRO de artista. *In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14340/livro-de-artista>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MARIA VITÓRIA. O que é um zine e porque você deve ficar de olho nele? *In: A Estranhamente*, 03 mar. 2020. Disponível em: <<https://aestranhamente.com/o-que-e-um-zine-e-porque-voce-deve-ficar-de-olho/>>. Acesso em: 19 out. 2021.

MUSEU Dauphinois: Guia de viagem de férias. *In: Expedia*. Disponível em: <<https://www.expedia.com.br/Museu-Dauphinois-Grenoble.d6068929.Guia-de-Viagem?pwaLob=wizard-package-pwa>>. Acesso em: 14 out. 2021.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Trad. Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PIERON, Jean-Philippe. Poética da árvore e da floresta: uma leitura bachelardiana da obra de Jean Giono (2012). Trad. Vladimir Bartolini (Material didático para uso exclusivamente acadêmico). **Altre modernità: Rivista di studi letterari e culturale**, Milão: Università degli Studi di Milano, Facoltà di Lettere e Filosofia, 2012, p. 11 - 23. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/386382>>.

ROCHA, Bruno Massara. Movimento Internacional Situacionista. *In: Territórios da História*. Disponível em: <[http://www.territorios.org/teoria/H\\_C\\_situacionista.html](http://www.territorios.org/teoria/H_C_situacionista.html)>. Acesso em: 23 ago. 2021.

SANSOT, Pierre. Pour une esthétique des paysages ordinaires. *In: Ethnologie française*, nouvelle série, T. 19, No. 3, Crise du paysage? (Juillet-Septembre 1989), p. 239 - 243. Trad. Arthur Simões Caetano Cabral (Material didático para uso exclusivo em atividades de ensino e pesquisa na Universidade Federal de Goiás).

SANTANA, Mariane Cardoso de. **Vislumbres no Vazio**: apropriações artísticas em espaços residuais de Aracaju. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017. Disponível em: <[https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7208/2/Mariane\\_Cardoso\\_Santana.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7208/2/Mariane_Cardoso_Santana.pdf)>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SATO, Michèle. Ecofenomenologia: uma janela ao mundo. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande do Sul, ISSN 1517-1256, p. 10 - 27, jul. 2016. Disponível em: <[https://redib.org/Record/oai\\_articulo1116595-ecofenomenologia-uma-janela-ao-mundo](https://redib.org/Record/oai_articulo1116595-ecofenomenologia-uma-janela-ao-mundo)>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SOBRE o SIN Mapas. *In: Operador Nacional do Sistema Elétrico*. Disponível em: <<http://www.ons.org.br/paginas/sobre-o-sin/mapas>>. Acesso em: 16 out. 2021.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Terrain Vague**. Anyplace, Cambridge, Mass: MIT Press, p. 118 - 123, 2002. Trad. Igor Fracalossi. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/320549108\\_Terrain\\_Vague\\_Ignasi\\_de\\_Sola-Morales](https://www.researchgate.net/publication/320549108_Terrain_Vague_Ignasi_de_Sola-Morales)>. Acesso em: 01 ago. 2021.

STALKER attraverso i territori attuali. *In: Issuu*. Disponível em: <[https://issuu.com/stalkerpedia/docs/stalker\\_attraverso\\_i\\_territori\\_attuali](https://issuu.com/stalkerpedia/docs/stalker_attraverso_i_territori_attuali)>. Acesso em: 12 mar. 2022.

TACOULE. *In: Collections Isère*. Disponível em: <<https://collections.isere.fr/fr/museum/document/n-c/b9e1d3f9-42f7-4c61-8370-321143c4200d?pageId=05e668f3-6075-4e94-b2ef-8dof68d5ab8b&pos=30>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

THE Dauphinois Museum. *In: Grenoble France*. Disponível em: <<https://www.grenoble-tourisme.com/en/discover/essentials/dauphinois-museum/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas Derivas**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-19062012-130727/publico/tese\\_jacobo.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-19062012-130727/publico/tese_jacobo.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2022.

WARBURG, Aby. Mnemosyne. *In: Dossiê Aby Warburg*. Organização Cezar Bartholomeu. Revista Arte e Ensaios. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – EBA, UFRJ, ano XVI, n. 19, 2009.





ANDANÇAS

